



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**LUCIENE FABRIZIA ALVES NASCIMENTO**

**INTERDISCIPLINARIDADE E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

**LUCIENE FABRIZIA ALVES NASCIMENTO**

**INTERDISCIPLINARIDADE E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia em forma de Monografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

**Orientador:** Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo

**CAMPINA GRANDE-PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244i Nascimento, Luciene Fabrizia Alves  
Interdisciplinaridade e histórias em quadrinhos [manuscrito] :  
contribuições para o ensino de Geografia / Luciene Fabrizia Alves  
Nascimento. - 2016.  
62 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.  
"Orientação: Profa. Dra. Josandra Barreto Araújo de Melo,  
Departamento de Geografia".

1. Geografia escolar. 2. Práticas interdisciplinares. 3.  
Histórias em quadrinhos. I. Título.

21. ed. CDD 741.5

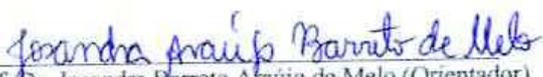
LUCIENE FABRIZIA ALVES NASCIMENTO

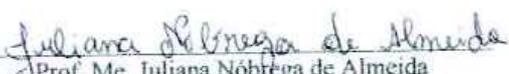
**INTERDISCIPLINARIDADE E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS:  
CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA**

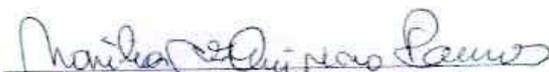
Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Geografia.

Aprovada em: 27/10/2016

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Josandra Barreto Araújo de Melo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Juliana Nóbrega de Almeida  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Me. Marília Maria Quirino Ramos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **Dedicatória**

Dedico este Trabalho aos meus pais Antonio Guilherme e Maria das Neves, que sempre estiveram nesta caminhada da vida, suportando todos os percalços, para idealizar comigo os meus sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, a Deus por proporcionar-me coragem, força e determinação para finalizar mais um ciclo em minha caminhada.

À Faustino Moura, coordenador do curso de Geografia, por seu empenho.

À professora Doutora Josandra Araújo Barreto de Melo, por toda dedicação disponibilizada em toda orientação, assim como o carinho e respeito que sempre dedicou a minha pessoa.

Aos meus pais Antonio Guilherme e Maria das Neves que estiveram em todos os momentos da minha vida, dando-me estímulo para nunca desanimar.

À minha família que suportou todas as dificuldades ao meu lado, sem me deixar desistir nos momentos mais árduos.

Aos professores do Curso de Geografia UEPB, em especial, Josandra Barreto, Juliana Nóbrega, Marília Quirino, Daniel Campos e Juliana Vilar, que contribuíram ao longo de cinco anos, por meio das disciplinas e debates para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus colegas e amigos de curso, em especial à minha amiga Aline Guimarães, toda a minha gratidão por estar sempre ao meu lado, suportar as minhas dores, sorrir e vibrar nas minhas conquistas, por tudo, levaremos para a vida essa parceria, em que o respeito mútuo sempre fez parte do nosso convívio. À Veronice Campos pela parceria que dura mais de 20 anos, pelo incentivo dado, pela a disponibilidade sempre recíproca.

Aos meus colegas do Programa Institucional de Iniciação a Docência (PIBID), por todo o companheirismo dedicado durante o projeto, especialmente, às minhas amigas Geneva Helena e Dalila Arruda, pela parceria durante todo o programa.

À Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral pela disponibilidade, ao corpo docente, em especial à professora Ericka Araújo (supervisora do Pibid no período do projeto) Claudiane Maciel (Parceira do projeto interdisciplinar em 2014) e Vinicius Leão (Parceiro do projeto em 2015), assim como, aos alunos pela disponibilidade e comprometimento ao Projeto desenvolvido.

A interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades habilidades e técnicas visam favorecer sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes dos alunos e sua integração. (FAZENDA,2008, p.21).

## RESUMO

O presente Trabalho é resultado de dois anos de pesquisa na Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral, localizada na cidade de Campina Grande-PB, a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, Subprojeto de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. O projeto foi desenvolvido, tendo em vista, a necessidade de ampliar a capacidade cognitiva dos discentes, através de novas metodologias no processo de aprendizagem da Geografia escolar. Tendo com prática a interdisciplinaridade imprimindo uma multiplicidade de enfoques, relacionando-os ao tema proposto “Biomass brasileiro”, numa convergência entre a Geografia e a Língua portuguesa, por meio da produção de Histórias em Quadrinhos (HQ’s). Nesta perspectiva, o trabalho teve por objetivo geral analisar como a interdisciplinaridade contribui para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem na Geografia escolar, assim como, objetivos específicos identificar como os alunos compreendem as diferentes paisagens e suas transformações no espaço geográfico, através da práxis interdisciplinar; verificar como os alunos compreendem as categorias geográficas na produção das Histórias em Quadrinhos – HQ’s; demonstrar a importância do gênero textual- HQ’s para a sistematização do tema abordado. A pesquisa foi desenvolvida por meio da pesquisa-ação, numa concepção crítica acerca das transformações do espaço geográfico. O projeto foi dividido em etapas: No ano letivo 2014, a análise dos questionários, para a compreensão da realidade e as perspectivas referentes à disciplina; posteriormente o desenvolvimento da práxis interdisciplinar, relacionando o conteúdo “Biomass brasileiros” ao evento da Copa do Mundo, que acontecia naquele período no Brasil, por meio da produção de HQ’s desenvolvidas pelos discentes; por fim, a análise das produções desenvolvidas pelos mesmos. No ano letivo 2015 iniciou com a aplicação e avaliação dos questionários; em seguida, a análise das categorias geográficas em uma conjuntura de escala local, dando ênfase à paisagem; posteriormente, o desenvolvimento da práxis interdisciplinar correlacionando as produções ao tema, finalizando com a análise das mesmas. Os resultados comprovaram a necessidade do trabalho interdisciplinar, tendo em vista que, os alunos desenvolveram através da mesma a linguagem geográfica, compreendendo as categorias geográficas nas produções desenvolvidas. Além disso, as HQ’s permitiram desenvolver habilidades fundamentais para o desenvolvimento cognitivo dos discentes, dentre os quais: a criatividade, o trabalho em equipe, a escrita, nas produções, em fim, proporcionou a sistematização do tema proposto numa correlação de áreas do conhecimento afins. Em síntese, os alunos desenvolveram a capacidade de analisar criticamente o espaço geográfico e a complexidade de fenômenos que o compõe, identificando neste processo, as problemáticas advindas da dinâmica espacial, e as consequências sociais, ambientais, culturais, para a sociedade.

**Palavras-Chave:** Geografia escolar. Prática interdisciplinar. Histórias em Quadrinhos.

## ABSTRACT

The present work is the result of a two-year research at the State High School Severino Cabral, located in Campina Grande – PB, through the Institutional Program of Initiation Grants to Teaching – PIBID, Geography subproject, from the State University of Paraíba. The project was developed taking into consideration the need to expand students' cognitive capacity, through the use of new methodologies in the teaching/learning process of school geography. At this juncture the interdisciplinary practice was chosen to develop the knowledge systematization, through cooperation in related areas, printing a multiplicity of approaches, relating them to the proposed theme “Brazilian Biomes”, in a convergence between Geography and Portuguese by producing Comic Books (CB's). Into this perspective, the general objective of the work was to analyze how interdisciplinarity contributes to streamline the teaching/learning process of school Geography, and as specific objectives, to identify how students understand the different landscapes and its transformations in the geographical space, through the interdisciplinary praxis; to verify how students understand geographical categories in the production of Comic books; to demonstrate the importance of the textual genre to the systematization of the approached theme. The research obeyed the following phases in the 2014 school year, the project was divided into three steps: firstly, the questionnaires analysis in order to understand the reality and perspectives of the discipline; posteriorly, the development of the interdisciplinary praxis, linking the “Brazilian Biomes” content to the World Cup, taking place in Brazil at that moment, by producing Comic books, developed by the students; and, at last, the analysis of the students' productions. In 2015, the project was divided into four steps: initially, the application and evaluation of questionnaires; in sequence, the analysis of the geographical categories in the local scale juncture, putting emphasis on the landscape; posteriorly, the development of the interdisciplinary praxis, linking the productions to the theme; and closing with their analysis. The results were satisfactory, considering that the students developed the geographical language through the interdisciplinary praxis, through the understanding of geographical categories in diverse scales. Besides that, the Comic books resource allowed the development of fundamental skills to the students' cognitive increment; among which we can cite: creativity, group work, writing, in the developed productions, ultimately provided the systematization of the proposed theme in a correlation of knowledge related areas. In summary, students developed the capacity of critically analyze the geographical space the complexity of phenomena composing it, identifying the problems coming from the spatial dynamic, and the social, environmental, and cultural consequences to the Brazilian society in the process.

**Key-words:** School Geography. Interdisciplinary practice. Comic books.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>A GEOGRAFIA ENQUANTO INSTRUMENTO DE CONHECIMENTO E O CENÁRIO ATUAL.....</b>	<b>11</b>
2.1	A GEOGRAFIA ESCOLAR BRASILEIRA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA.....	15
2.2	BREVE ANÁLISE DO CONCEITO DE PAISAGEM NA GEOGRAFIA.....	20
2.3	POR UM ENSINO DE GEOGRAFIA DE MAIOR SIGNIFICADO PARA OS ALUNOS.....	23
2.4	O DIALOGO COM OUTRAS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO: AS PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES.....	26
2.5	A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS: ALTERNATIVAS PARA COMPREENSÃO DA DINÂMICA ESPECIAL.....	28
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>DISCURSÕES E RESULTADOS.....</b>	<b>33</b>
4.1	ANÁLISES DAS PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES REFERENTES AO ANO LETIVO 2014.....	33
4.2	ANÁLISE DAS PRODUÇÕES DESENVOLVIDAS PELOS DISCENTES DOS 2º ANOS (B E C)-ANO 2014.....	40
4.3	DESENVOLVIMENTO DO PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ANO LETIVO 2015.....	46
4.4	ANALISES DAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS DISCENTES:1ºANO (A) DO ENSINO MÉDIO ANO LETIVO 2015.....	50
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>58</b>
	<b>APÊNDICE- QUESTIONÁRIOS APLICADO JUNTO AS TURMAS PARTICIPANTES.....</b>	<b>62</b>
	..	

## 1. INTRODUÇÃO

O espaço escolar tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio do processo de ensino e aprendizagem, por isso a necessidade de que a escola seja um ambiente favorável a essas práticas: um espaço do saber, para que os discentes ultrapassem as barreiras do conhecimento empírico para o científico. Além disso, a escola deve ser um espaço coletivo de construção do conhecimento, em que as múltiplas ideias reflitam, divirjam em busca da formação de cidadãos pensantes.

Contudo, há um grande desafio a ser ultrapassado pelos profissionais da educação, trata-se da superação do tradicionalismo nas aulas, por uma série de fatores, desde a estrutura física da escola, como também a resistência de muitos profissionais referentes às suas práticas, embora, sejam conscientes de que as mudanças em curso na sociedade se fazem presentes na escola, requerendo a adoção de novas metodologias para que as disciplinas não se tornem enfadonhas e sem importância.

Assim sendo, na Geografia escolar não é diferente, pois ela tem um grande desafio a ser superado, o de disciplina fragmentada, muitas vezes até desinteressante, embora, seja um dos componentes curriculares responsáveis por desenvolver as potencialidades na formação do senso crítico dos alunos. Para tanto, é necessário a adoção de metodologias que privilegiem a construção de um conhecimento sistematizado, a partir da transposição de conteúdos que façam sentido no cotidiano dos discentes, ou seja, a necessidade de desenvolver na escola metodologias que dêem aos conteúdos significado.

Nesta perspectiva, as práticas interdisciplinares possibilitam a interação de áreas do conhecimento afins com o objetivo de ampliar a sistematizar do conhecimento, tendo em vista que a fragmentação dos conteúdos pouco colabora no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, tem-se a necessidade de buscar práticas que privilegiem a compreensão mais global dos conteúdos, para que a aprendizagem ocorra de forma mais significativa. Como sintetiza Lins et.al. (2014, p. 87), “as constantes transformações vivenciadas em todas as áreas do conhecimento exigem novas perspectivas de ver o ensino. Hoje, há pouco espaço para o ensino fragmentado, dividido entre disciplinas estanques.” Nesse direcionamento, a disciplina de Língua portuguesa, por meio do recurso didático das Histórias em Quadrinhos - HQ's apresenta-se como uma ferramenta lúdica que objetiva mostrar a dinâmica espacial como um processo permanente.

Portanto, a linguagem dos quadrinhos configura-se como uma ferramenta de aprendizagem poderosa, pois desenvolve a interação entre as variadas linguagens, através dos códigos que a compõe, ou seja, possibilita perceber e dialogar as transformações espaciais e da paisagem, através das múltiplas mensagens presentes neste gênero textual. Em razão disso, viabiliza o desenvolvimento do olhar geográfico, na leitura do mundo, através, dos objetos e sujeitos sociais que analisam as dimensões espaciais através deste recurso. Nesta perspectiva de tornar o aluno sujeito do conhecimento, a Geografia propõe desenvolver o ensino a partir das transformações do espaço, numa visão geográfica, analisando a dinâmica e as interligações da sociedade com a natureza e os gargalos deste processo.

Para tanto, é necessário que os conteúdos sejam sistematizados em uma perspectiva cotidiana, para que possam compreender a dinâmica espacial nas diversas escalas que a compõe. Portanto, desenvolvam o raciocínio geográfico, e, por conseguinte, compreendam as problemáticas sócio-espaciais, desde a escala local a global. Assim, as práticas interdisciplinares se configuraram como um direcionamento para o desenvolvimento do projeto de intervenção na Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral, integrante do Subprojeto de Geografia, PIBID/UEPB, nos anos de 2014 e 2015.

Mediante o exposto, o presente Trabalho teve como objetivo geral analisar como a interdisciplinaridade contribui para dinamizar o processo de ensino e aprendizagem na Geografia escolar. Como objetivos específicos, teve: identificar como os alunos compreendem as deferentes paisagens, a partir da práxis interdisciplinar; verificar como os alunos compreendem as categorias geográficas nas produções das Histórias em Quadrinhos – HQ's; demonstrar a importância do gênero textual- HQ's, para a sistematização do tema proposto.

Nesta perspectiva, o trabalho se fez pertinente por procurar despertar nos alunos a criatividade e criticidade, por meio de uma práxis interdisciplinar acerca da compreensão das transformações socioespaciais e os desdobramentos deste processo no cotidiano dos mesmos, haja vista que a utilização de recursos didáticos como os quadrinhos, possibilita desenvolver a sistematização e a percepção dos conteúdos abordados por diversas áreas do conhecimento, ou seja, para que o entendimento do mundo conectado em redes possibilite os discentes analisar e identificar questões que os cercam.

Por isso, se faz necessário a transposição didática dos conteúdos através de métodos didáticos que privilegiem o processo interdisciplinar, de tal forma que haja a conexão entre as disciplinas na busca pelo conhecimento sistematizado, por meio do recurso das Histórias em Quadrinhos (HQ's), uma vez que o recurso dos quadrinhos busca ampliar a formação do senso crítico, as questões socioespaciais, de forma lúdica, desenvolvendo a criatividade dos

discentes, o trabalho em grupo, habilidades necessárias na formação cognitiva, entretanto, muitas vezes desestimulada no espaço escolar, pois não há lugar no método tradicional para tais práxis. Logo, a prática interdisciplinar configura-se como uma ferramenta importante para desenvolver o saber, dando significação aos temas proposto no ambiente escolar, assim como nas salas de aulas.

## **2. A GEOGRAFIA ENQUANTO INSTRUMENTO DE CONHECIMENTO E O CENÁRIO ATUAL**

Tendo em vista o cenário atual, é imprescindível que se compreenda em que contexto histórico a Geografia escolar foi sistematizada, para qual público e quais os objetivos da mesma. A Geografia foi institucionalizada no século XIX, em um período de plena expansão imperialista colonial e do mercantilismo da Europa, fazia-se necessário uma reflexão acerca do conhecimento geográfico dos territórios a serem explorados. Portanto a Geografia é criada a serviço do Estado, isto é, como forma de justificar para os povos dominados que havia necessidade da opressão, por parte dos dominadores.

Por meio dos alemães Alexandre Von Humbold e Karl Ritter, considerados os pais da Geografia, aristocratas que introduziram seus estudos geográficos para justificar a exploração e expansão colonial da Alemanha. Segundo a teoria de Humbold, os estudos geográficos tinham uma conotação geral dos fatos ocorridos no globo terrestre, por meio de estudos de campo de bastante relevância para a compreensão dos fatos e interações do espaço físico numa inter-relação de fenômenos. “É a preocupação com a mensuração precisa dos fenômenos, para aí procederem às generalizações, formulando leis, trabalhando com o que ele denominava “física terrestre” (GODOY, 2010, p.47).

Devido a sua formação que era de geólogo e botânico, Humbold acreditava que a Geografia tinha o objetivo de compreender todos os fenômenos naturais coexistentes no espaço terrestre, numa generalidade que acarretava a superficialidade dos fatos estudados, haja vista que o método utilizado era empírico, valorizava a livre conexão dos sentidos para compreender os diferentes espaços existentes no globo pela mera observação e descrição dos acontecimentos, como afirma: Moraes (2007, p.62.):

Caberia aos estudos geográficos, reconhecer a unidade na imensa variedade dos fenômenos, descobrir pelo livre exercício do pensamento e combinando as observações, a constância dos fenômenos em meio as suas variações aparentes. Dessa forma, a Geografia seria uma disciplina eminentemente sintética.

Logo, os estudos desenvolvidos por Humboldt não privilegiavam a ação antrópica no espaço, acarretando sua superficialidade e a determinação dos fenômenos naturais sobre os humanos, em que estes seriam submetidos à natureza numa subserviência intencional, para justificar a exploração e expansão imperialista alemã, como sintetiza Moraes (2007). Fato que, posteriormente, foi chamado de determinismo geográfico, em que o meio determinava a ação humana sobre a natureza, que será analisado no decorrer do processo.

Se contrapondo aos estudos de Humboldt, Karl Ritter acreditava que os conceitos dos fenômenos naturais tinham características próprias, de acordo com o espaço geográfico no qual cada fato ocorria com suas particularidades, ou seja, para ele cada área tinha características diferentes uma das outras, por isso era necessário estudar a individualidade de cada espaço, ressaltando o homem como parte integrante e central deste processo, analisando-o como criatura divina predestinada aos fenômenos naturais dos lugares. Como afirma Moraes (2007, p.63), “a ordem natural obedeceria ao fim previsto por Deus, a casualidade da natureza obedeceria à designação divina do movimento dos fenômenos”. Assim, se coloca uma proposta antropocêntrica e da particularidade dos lugares, entretanto ele também acreditava que o homem era determinado pelo meio, mas por determinação divina, e não por opressão e dominação social.

Outros conceitos foram desenvolvidos, a partir dos estudos destes dois alemães. Como não citar o conceito do espaço vital, de Friedrich Ratzel. Em seus pressupostos teóricos, o meio determinaria a sociedade, numa perspectiva de dominação territorial imposta pela Alemanha, para justificar a expansão imperialista alemã sobre outros povos e nações, uma vez que eram considerados inferiores por não deterem as técnicas necessárias ao progresso, além disso, eram condicionados ao controle e obtenção dos seus recursos naturais para legitimar o Estado Alemão. Como sintetiza Corrêa (2000, p.18), “Ratzel desenvolveu dois conceitos na sua antropogeografia [...] o primeiro vinculado na apropriação do espaço por um determinado grupo, enquanto o segundo refere-se às necessidades territoriais de uma sociedade, em função de seu desenvolvimento tecnológico, do total da população e dos recursos naturais”.

Em oposição à Geografia alemã, a escola francesa de Geografia, sistematizada por Paul Vidal de La Blache se desenvolvia em um momento de eclosão da burguesia francesa e da conseqüente total reformulação da estrutura de classes, de modo que uma nova estrutura social surgia, na qual a burguesia passaria a ser a classe dominante, por meio dos movimentos populares, se estabelecendo na república francesa, com o discurso calcado nos ideais liberais e progressistas.

Apesar da Geografia institucionalizada na França ter o intuito de se contrapor à teoria Alemã, o objetivo era o mesmo: expansão imperialista por meio do capitalismo mercantilista. Por isso, os estudos de La Blache ganharam força e respaldo, uma vez que, segundo ele, a finalidade da Geografia era a relação do ser humano com o meio, em que este sofria influência da natureza, entretanto atuava para modificá-la, numa escala regional, numa perspectiva histórica deste processo.

De modo que a escola francesa, através de La Blache, desenvolveu o Possibilismo Geográfico, teoria segundo a qual as sociedades, desde a Antiguidade, por meio de técnicas ainda rudimentares, foram transformando a natureza em função, inicialmente, da sobrevivência e, posteriormente, dominando e transformando para o chamado progresso das grandes nações. Logo, o ideal possibilista ganhou força no momento histórico que vivenciava a França. No entanto, a escola francesa permaneceu de cunho naturalista, pois desenvolveu os seus estudos numa relação do ser humano com a natureza, sem levar em consideração as correlações sociais entre os povos, acarretando uma superficialidade intencional.

Nessa conjuntura, os mencionados precursores do pensamento geográfico ganharam tanta importância, não só para a Geografia como ciência, mas também para os Estados-nações dos quais faziam parte. Adicionalmente, outros nomes também tiveram relevância nos estudos geográficos, embora não com tanta veemência, tendo em vista os ideais expansionistas daquela época, como é o caso do Frances Elisée Reclus, militante anarquista que defendia os direitos dos menos favorecidos em busca da sociedade sonhada pelo iluminismo, politizada e consciente dos direitos e deveres que possuíam e das desigualdades que eram impostas pelo sistema vigente. Como afirma Gibbin (1989, p.148.) “Elisée Reclus, de fato ele mantém a função política da Geografia, sua ação libertadora e fundamentalmente crítica, o que lhe permite denunciar as diferentes estratégias das classes dominadoras”. Pelos seus ideais, Reclus viveu parte de sua vida exilado e seus estudos tiveram pouco respaldo no meio acadêmico naquele período.

Decorre que, tanto a escola alemã de cunho geral, como a francesa de perspectiva regional, com algumas raras exceções<sup>1</sup>, a grande maioria dos Geógrafos utilizaram em seus estudos metodologias de cunho positivista, ligados à Geografia Clássica. As técnicas utilizadas eram de observação e descrição do espaço, ou seja, empíricas, apoiadas nas sensações visualizadas, acarretando na limitação dos estudos ao visível, palpável, causando limitações à ciência geográfica, por conseguinte empobrecimento no meio acadêmico.

---

<sup>1</sup> É o caso dos estudos de Elisée Reclus, de cunho crítico, ligados aos ideais Marxistas, no século XIX.

Em meio a tais perspectivas geográficas, outras Escolas surgiram, a partir das teorias oriundas das Correntes Alemã e Francesa, podendo-se citar a escola Britânica, que teve por influência francesa, por meio dos estudos regionais na busca de conhecer as áreas a serem exploradas e subjugadas ao domínio Inglês. Nesse processo, foi criado o conceito de áreas centrais, nas quais se encontravam os povos com potencialidade a dirigir e dominar o seu entorno, como afirma Andrade (2008). Deste modo, as condições naturais influenciariam este processo, tendo em vista, o período de plena expansão imperial da Europa sobre os outros continentes.

Outra Escola de suma importância para o desenvolvimento do pensamento geográfico foi a Soviética (Russa), que teve por influência a Escola Alemã. Segundo Andrade (2008), Seus estudos tiveram por referencial o clima e o solo, haja vista as condições inadequadas para o desenvolvimento da agricultura no país. Assim, pois, desenvolveram e potencializaram pesquisas na busca de ampliar técnicas de manipulação do solo e logo se especializaram nos estudos pedológicos, para desenvolver a economia nacional através da agricultura. Conseqüentemente tornaram-se os pioneiros nos estudos da organização econômica e planejamento territorial, dando novas perspectivas aos trabalhos geográficos.

Por fim, a Escola Norte Americana, que buscou desenvolver suas pesquisas, utilizando-se das duas principais escolas geográficas - a francesa, por meio dos estudos regionais, tendo como base o ciclo da erosão, haja vista os diferentes fatores que influenciam este processo, dentre os quais os fatores naturais e antrópicos. Todavia, a influência da escola alemã foi preponderante, por isso, a escola de Chicago foi influenciada pelo Determinismo de Ratzel, e a da Califórnia pelo histórico cultural de Hettner.

Segundo Andrade (2008), a Escola de Chicago (Norte Americana) se baseou na Geografia Francesa para justificar o extermínio dos povos indígenas do sul dos Estados Unidos, bem como a expansão territorial para além das fronteiras americanas, a exemplo do México, que teve seu território usurpado pelos Estados Unidos, enquanto que a Escola da Califórnia, também norte-americana, dava ênfase à evolução da espécie humana, ao meio em um processo histórico e cultural das civilizações, justificando, assim, a sobrevivência e adaptação das sociedades em áreas com poucos recursos naturais, de modo que os estudos foram desenvolvidos na América em áreas desérticas de clima seco, dando ênfase à cultura desses povos, reconhecendo a adaptação dos indígenas do oeste americano ao meio como sintetiza Andrade, (2008).

De modo que, utilizando as idéias de Suertagaray (2005), no processo de institucionalização da Geografia em escala mundial, o seu pensamento desenvolveu os

estudos em correntes de pensamento não dialéticas, em métodos exclusivamente descritivos e de memorização de especificidades do espaço geográfico, sem que este fosse um espaço socialmente produzido. Tudo isso mais adiante também vai influenciar o processo de institucionalização da Geografia brasileira e os seus desdobramentos na Geografia escolar, conforme a sequência deste estudo.

## **2.1. A Geografia escolar brasileira numa perspectiva histórica**

Para iniciar esta abordagem é necessário fazer alguns apontamentos, haja vista que a Geografia escolar começou a ser desenvolvida no Brasil ainda no período Colonial, todavia, para alguns autores que discutem esta temática, como Pontuschka (2009), este período pode ser considerado como a pré-história da Geografia escolar, uma vez que não havia cursos superiores de Geografia no País e só na década de 1930 é que foram criadas as primeiras Faculdades que ofereciam a formação em Geografia que, junto com a História, compunha uma só licenciatura. Contudo, se faz necessário a abordagem acerca desse período, para fins de historicização e para a uma maior compreensão da realidade atual.

O ensino da Geografia começou a ser desenvolvido no Brasil pelos jesuítas, ainda no Império, na condição de disciplina secundária, compondo o chamado Erudito, ou seja, como artefato auxiliar para a compreensão dos lugares onde ocorriam os fatos narrados nas aulas de Língua Portuguesa. Posteriormente, com a implementação no currículo, a partir da criação do Imperial Colégio de Pedro II, em 1817, a Geografia adquiriu status de disciplina autônoma, sendo escolhidos os conteúdos a serem desenvolvidos em sala de aula, tendo como referencial a divisão da Geografia dos Estados nações e a dos Professores, como descreve (Rocha 2000, p.130):

É válido lembrar que, já neste período, ficou estabelecida a distinção entre “geografia dos professores” e “geografia dos estados maiores”. O curioso é que eram os próprios jesuítas responsáveis pela produção de ambas vertentes da geografia, haja vista serem os controladores do sistema escolar vigente e os maiores responsáveis pela produção de conhecimentos geográficos acerca do território da Colônia portuguesa na América.

Desse modo, o conteúdo desenvolvido no ensino secundário era de mera descrição da Europa, haja vista ainda não haver uma sistematização da Geografia brasileira no que se refere aos aspectos físicos; também não se fazia nenhuma relação com a realidade local, acarretando numa abstração dos fenômenos abordados pela Geografia escolar, uma vez que este método era pautado na memorização de aspectos distintos da realidade dos alunos, e

perpetuou-se pelos períodos posteriores ressaltando-se que, mesmo com as reformas ocorridas naquele período, as metodologias permaneciam as mesmas, como afirma Pessoa:

Mesmo já tendo passado um século de institucionalização da Geografia no currículo escolar brasileiro o que sobressaia era o ensino puramente verbalista, livresco, desenvolvido de recitação e avaliado através de exames que exigia da memória a reprodução das lições ao pé da letra. (2000 p.42).

No início do século XX, a Geografia escolar no Brasil começa um processo de renovação, tendo em vista a consolidação do sistema capitalista, as formas existentes até então de modelo econômico e política começa a não responder às necessidades espaciais da classe social, que emerge neste período a burguesia. Por isso, os aparelhos de Estado buscam na educação formas de consolidar a nova sociedade, por meio do nacionalismo patriótico.

Delgado de Carvalho foi um dos primeiros a introduzir no país o pensamento da Geografia moderna e nacionalista, como afirma (Pessoa, 2007). Considerado o pai da Geografia Moderna no Brasil, com enfoque centrado no aluno, também conhecido como método escalonvista, como sintetiza (Albuquerque 2011). Para ele, o que era ensinado pela Geografia até o momento não respondia aos interesses da sociedade brasileira, pois estava alheio à cientificidade produzida pela ciência na Europa, como também às necessidades da sociedade brasileira vigente, em especial, no que se refere às metodologias exclusivas ao positivismo da Geografia Clássica, por isso havia a necessidade da sistematização da ciência no país.

Segundo Pontuschka (2009), Delgado de Carvalho propôs o estudo do território nacional por regiões naturais, como sugeria a escola francesa. Os seus trabalhos reproduziram veementemente a descrição da Geografia nacional, através dos seus livros didáticos, que caracterizavam as distintas regiões brasileiras, em detrimento do conhecimento das problemáticas sociais do país, em consonância com a política nacionalista de Getúlio Vargas, por isso suas obras foram bastante divulgadas e trabalhadas no espaço escolar naquele período.

Segundo Albuquerque (2011), outros autores como José Veríssimo, em seu livro Educação Nacional (1890), já haviam criticado a Geografia de viés Europeu e conclamavam o desenvolvimento de uma Geografia brasileira e escrita por brasileiros, numa difusão do ideal nacionalista e patriota. Como Delgado de Carvalho, ele também criticava a metodologia tradicional de cunho mnemônico e enciclopédico, contudo o ensino desenvolvido naquele período era realizado por profissionais de outras áreas do conhecimento, logo prejudicando a interação de novos pressupostos para Geografia escolar no Brasil.

Nesta perspectiva, consolidam-se os interesses da sociedade vigente, por intermédio da institucionalização da Geografia, em meados da década de 1930, em meio às transformações do sistema capitalista e do processo de globalização mundial, assim como o liberalismo econômico começa a dar lugar à intervenção estatal. No Brasil, o Governo de Getúlio Vargas passou a abrir as fronteiras nacionais para a industrialização, de forma tardia, mas de suma importância para o desenvolvimento do país naquele período, por intermédio da burguesia agrária exportadora e a classe média urbana (ANDRADE, 2008).

De acordo com a nova conjuntura que se desenhava no país, a institucionalização ocorreu com a criação das faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934, e no Rio de Janeiro - na época Distrito Federal em 1935, tendo como referencial a Escola Francesa, através dos professores Pierre Deffontaines e Pierre Mombeig (ANDRADE, 2008). Tal influência pautava-se numa perspectiva humanista e regional, haja vista a necessidade de conhecer o território nacional, na busca de melhor explorar os potenciais do qual cada região possuía, para melhor apropriar-se por parte do capital internacional dos recursos naturais, abundantes no país. Ressaltando que este processo ocorreu desde período Colonial no Brasil, por meio dos ciclos econômicos, dentre os quais o pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, café, entre outros, mas intensifica-se no período da industrialização.

Assim sendo, com o processo de Institucionalização da Geografia no Brasil, iniciaram-se estudos regionais acerca do território nacional, na busca de conhecê-lo e, por conseguinte, melhor usufruir e explorar seus potenciais. Por meio de nomes como Aroldo de Azevedo, Ary França, Ab'saber, entre outros, foram dados os primeiros passos da Geografia brasileira, de cunho regional, mas já apresentando preocupações como os problemas urbanos e econômicos do país (ANDRADE, 2008).

No período, a Geografia nacional teve grandes avanços, tendo em vista que outras Instituições surgiram para dar suporte ao conhecimento geográfico que estava sendo desenvolvido, a exemplo da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), que tinha o objetivo de dialogar e divulgar os diversos estudos sobre a Ciência geográfica, como também a Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fundado em 1937, para desenvolver estudos regionais acerca do território nacional.

Quanto a Geografia escolar, mesmo após a Institucionalização e formação dos primeiros professores, as metodologias em sala de aula permaneciam as mesmas, a Geografia escolar não acompanhava os avanços da ciência geográfica no país. Apesar do número já considerado de estudos acerca do território nacional, nas escolas, as práticas eram de cunho

tradicional, de descrição dos aspectos físicos do país, sem nenhuma relação com as questões sociais que eclodiam no Brasil naquele período, haja vista que suas metodologias permaneciam de cunho clássico, mnemônico e descritivo, como sintetiza Penteado apud Albuquerque (2011):

Conduta semelhante orientou o ensino geográfico, extensas listas de nomes de acidentes geográficos, bem como extensas de números indicando altura de picos e montanhas, altitude de planalto e planícies, extensão de rios, seus volumes de água, [...], como se estes dados fossem aleatório e independentes entre si, eternos, constantes e imutáveis- nortearam a docência dessa disciplina, então preocupada com procedimentos meramente descritivos (Ibidem, p.15).

Naquele período, já havia lacunas entre as teorias desenvolvidas na academia e sua difusão na escola. Logo, no âmbito escolar as práticas nem sempre acompanhavam a evolução da ciência, uma vez que a Geografia desenvolvida na academia tinha por objetivo a manipulação das massas, através de estratégias espaciais. Em contrapartida, na escola, essas estratégias eram manipuladas por meio de descrições do espaço físico, sem nenhuma relação com o cotidiano dos alunos, o que Lacoste (1988) intitulou de Geografia dos Estados maiores e dos Professores, respectivamente.

Nesta perspectiva, a disciplina desenvolvida em sala de aula era pautada em métodos mnemônicos e enciclopédicos, com o viés de ciência sistematizada (LACOSTE, 1988), de modo a ocultar no âmbito escolar as estratégias militares, sociais, econômicas e culturais, nas quais o modelo capitalista se insere, manipulando interesses e as necessidades da sociedade, de tal modo a mascarar as desigualdades sociais impostas, há exemplo dos sistemas de produção em redes, como sintetiza Baréa (2008, p.42.):

Neste contexto que as redes atuam nos distintos meios da sociedade, sejam estas formadas por vínculos de caráter social, econômico, político, tecnológico e, principalmente, por redes de produção, industrialização e de comercialização, se constituindo nas bases do modo capitalista de produção.

Todas estas questões acabaram por acarretar para a Geografia escolar um quase total desinteresse dos alunos pela disciplina, haja vista que não havia relação entre os fenômenos geográficos nas abordagens dos conteúdos, dando à Geografia escolar o *slogan* de disciplina sem importância e significado, tendo em vista às modificações que ocorriam no mundo, graças à expansão do capitalismo, da globalização. Desse modo, a Geografia não respondia mais as necessidades da sociedade vigente.

Nessa conjuntura, uma nova tendência se desenvolvia para a Geografia Moderna, com o desenvolvimento de outras correntes de pensamento, como a Teorético-Quantitativa, que bastante difundiu a utilização das técnicas da matemática e da estatística, através de

Instituições como o IBGE; esta tendência da Geografia utilizava estratégias para a manutenção e expansão do capitalismo por meio de uma economia global e, por conseguinte, interdependente. Logo, subjugada ao Estado e as grandes potências e sem nenhum interesse nas problemáticas sociais preponderantes no país.

Em virtude da permanência dos objetivos da Geografia, ligados ao Estado e a manutenção dos seus interesses, em meados da década de 1970, período de grande efervescência dos movimentos sociais, uma nova conjuntura começa a ganhar espaço, haja vista que às problemáticas sociais e ambientais evidentes no país pelo novo modelo econômico, de tal modo que o ideal marxista inicia um novo momento entre geógrafos e professores. Considerando que a industrialização acarretou o consumo excessivo dos recursos naturais e, por conseqüência, a sua escassez, como também o aumento das desigualdades sociais com a saída do homem do campo para os grandes centros, para trabalhar nas fábricas, gerando crescimento urbano desordenado, moradias sem infra-estrutura, enfim, em virtude do degradante desenvolvimento humano a que a sociedade era submetida.

Deste modo, a Geografia, até então desenvolvida no país, não respondia mais às necessidades da sociedade, decorrentes da nova conjuntura social, política e econômica que pairava no país. Diante das desigualdades, repressão e tirania, a Geografia Crítica começa a ganhar respaldo e espaço no meio acadêmico, como afirma Pessoa (2007). Com outra perspectiva epistemológica, deveria servir não mais ao Estado, e sim aos interesses da sociedade, referindo-se ao projeto de Estado do qual a Geografia fez parte até este período, logo a renovação tornou-se eminente, como sintetiza Antunes, (2001, p.42.):

Essa renovação é, ao mesmo tempo, epistemológica e política. As críticas que eram feitas e as insatisfações que acabaram por gerar a ruptura eram não apenas sobre qual estatuto epistemológico a Geografia deveria ser produzida nas universidades e nas escolas, remetendo a um olhar científico, mas também sobre qual e para quem seria produzida a Geografia, completando um claro projeto de sociedade, do qual a Geografia deveria participar.

Dessa forma, a Geografia Crítica adquire uma relevância de cunho científico social e político em razão das críticas a sua epistemologia, até a década de 1970, que havia uma tendência ideológica aos interesses do capital e do Estado. Ressaltando que, diferente das outras ciências, esse processo de renovação ocorreu da escola para academia, pois foi neste segmento que se iniciou os questionamentos, acerca dos objetivos do pensamento geográfico e para quem serviria esta ciência. Logo, os Professores e estudantes universitários foram responsáveis pelo processo de renovação, como afirma Antunes (2001), numa perspectiva de denunciar as desigualdades e injustiças sociais.

Outra corrente se apresenta paralelamente – a Geografia Humanista, de cunho fenomenológico, haja vista que havia a necessidade de análises particulares, de acordo com dinâmica de cada localidade. Esta corrente tem por finalidade, analisar o espaço geográfico individualmente, os ser humano com suas peculiaridades, valorizando o pré-saber no nível coletivo, relacionando as questões culturais, como sintetiza Japiassu (1986), numa perspectiva de valorização da cultura, do conhecimento pré-existente, sintetizando em conhecimento científico. Contudo, os estudiosos mais radicais consideram essa corrente subjetiva, alienada e comprometida com a psicologia (ANDRADE, 1987).

Entretanto, para os adeptos desta corrente, havia a necessidade de estudos específicos do espaço geográfico, relacionando às questões locais, tendo em vista ser imprescindível compreender as particularidades do lugar, por consequência, relacionar ao global, para que possam intervir no meio, chamada também Humanista. Por isso, durante o processo de ensino e aprendizagem os discentes trazem as experiências do senso comum e se faz necessário sistematizar-la, logo, a compreensão e análise das transformações do espaço geográfico produzidos pelo capital, portanto pressupõe a compreensão da realidade e as interferências na vida cotidiana.

De acordo com Cavalcanti (2010), a percepção da Geografia pelo indivíduo passa entre, outras observações, pelo conjunto das representações sociais que se faz do espaço. Logo, essa análise será diferente para cada indivíduo, pois as suas relações sociais são únicas, nesta medida, o professor é fundamental como mediador deste processo, para que os discentes analisem o mundo, para além de conceituações pré-determinadas e possam construir e conceituar o espaço geográfico, relacionando os sujeitos sociais em suas abordagens.

O ensino de Geografia tem como pressuposto a análise do espaço geográfico, conceituando seu objeto de estudo, a partir das complexas relações intrínsecas nesta dinâmica, ressaltando as diferentes condições históricas para entender a atual posição que se encontra a Geografia escolar. Nessa conjuntura, para a espacialização dos fenômenos do espaço geográfico, utiliza-se de categorias de análise específicas, como é o caso da região, território, paisagem e lugar.

## **2.2. Breve análise do conceito de paisagem na Geografia**

Diante da necessidade de compreender o espaço geográfico e a complexidade de fenômenos, é de suma importância analisar o objeto de estudo da disciplina na sala de aula. Identificando a dinâmica espacial, levando em consideração a realidade atual da sociedade, como afirma Fantin e Tausbeck (2007) “ao lermos o espaço geográfico, estaremos

lendo, compreendendo também a sociedade que o criou, em suas relações complexas”. Logo, ao investigar o espaço é imprescindível entender que a dinâmica é constante, com objetivos específicos numa conjuntura global, assim como as consequências para a sociedade e o meio ambiente, evidenciado neste processo os conceitos próprios da Geografia.

É preciso entender quais as perspectivas direcionadas ao objeto de estudo da Geografia escolar, identificando as relações sociais no espaço, tendo em vista, ser uma das disciplinas responsáveis por este processo. Contudo, é necessário levar em consideração as transformações que envolvem as correlações sociais no decorrer do tempo histórico, em razão das mudanças do espaço geográfico, considerando suas necessidades e relações de poder envolvidas, como afirma Santos (1988), “Todos os espaços são geográficos, por que são determinados pelo movimento da sociedade, da produção”. Por isso, é indispensável para o ensino de Geografia ler o espaço, suas contradições, formas, funcionalidades e sentidos para ampliar a capacidade de compreender este processo e, assim, desenvolver a linguagem geográfica.

Neste enfoque, a categoria paisagem tem a possibilidade de desenvolver nos discentes a capacidade cognitiva de compreender o espaço geográfico e as complexidades envolvidas, através de recortes deste conceito em sala de aula, considerando as transformações sociais deste processo no decorrer do tempo histórico. Para a corrente de pensamento Clássico, a paisagem se ocuparia aos aspectos visíveis da natureza, como afirma Cavalcanti (2010). Portanto, para a corrente clássica o objeto de estudo da paisagem estava em descrever os aspectos físicos da natureza no campo perceptível, isto é, sem fazer relacionar a ação humana, interferindo nestas mutações.

Logo, a paisagem foi, por muito tempo, o objeto de estudo da Geografia, como descreve Santos (1988), utilizada pelos naturalistas para descrever os aspectos físicos, os tempos geológicos, as formas da natureza. Contudo, eram análises superficiais, empíricas, por meio do método indutivo.

Moraes (2007) afirma que na análise clássica havia duas variantes para o conceito, a morfológica que tinha por objetivo a descrição da natureza; e, a fisiológica, essa estava no campo da funcionalidade. Por isso, as análises ficavam limitadas à descrição do visível e na funcionalidade dos elementos biológicos, identificando a paisagem apenas nas relações fisiográficas e biológicas, sem correlacionar a ação antrópica.

Tendo em vista as fragilidades de suas análises, esta categoria, ficou no esquecimento durante meados do século XIX, haja vista que, o espaço geográfico estava em constante

transformação e a paisagem era um legado de momentos históricos, de correlações homem natureza, como sintetiza Bertrand (2004, p. 02):

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros.

Nesta conjuntura, o conceito de paisagem a partir da renovação da Geografia, pressupõe a leitura de diversos elementos naturais e humanos, em escalas variadas, sobressaindo-se uma da outra, dependendo das necessidades de cada sociedade. Por isso, como afirma Ab'saber (2003), a paisagem é o resultado de heranças antigas que atuam remodelando processos recentes. Logo, as primeiras sociedades vivenciavam estas dinâmicas sem muitas interferências, todavia, por meio da evolução das técnicas, o papel antrópico tomou proporções inimagináveis, para as primeiras civilizações, causando profundas transformações, revelando não ser estática e sim mutável.

Portanto, a paisagem, pode ser caracterizada por objetos naturais e culturais. A primeira refere-se à ação da própria natureza, durante tempos geológicos distintos, por meio das ações erosivas e de transporte de sedimentos, intemperismo físico e químico, possuem a capacidade de transformação, sem atuação antrópica neste processo. Contudo, são processos que ocorreram em milhões de anos. A segunda refere-se à interferência humana, modificando a paisagem de acordo com as necessidades da sociedade, em especial, dos grupos dominantes, desenhando-a e remodelando-a.

Como afirma Santos (1988), a paisagem cultural tem características específicas, de acordo as transformações econômicas, políticas e sociais que, nem sempre, estão no campo do visível. Por isso, uma mesma paisagem tem funcionalidade peculiar de acordo com a necessidade dos grupos sociais, em períodos distintos, a exemplo dos grandes centros urbanos, como também no campo das formas, configurando-se por determinados padrões estéticos, que se modificam rapidamente. Como descreve Serpa (2010, p. 133):

A paisagem pressupõe, também, um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, em princípio, “invisível”, e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade.

A paisagem presume estender as configurações espaciais das quais transformaram-na ou remodelaram-na, segundo a conjuntura de cada sociedade, em momentos distintos. Assim, para que este conceito possa ser compreendido em sala de aula, é necessário que os discentes percebam a junção de forças produtivas, num mosaico, com formas e características próprias, para que tenham a percepção desta dinâmica no espaço de vivência.

Por isso, ao analisar o conceito, é pertinente compreender as características e configurações espaciais contidas nesta paisagem, das quais o trabalho irá enfatizar os domínios morfoclimáticos brasileiros, tendo em vista, ser um conteúdo fundamental para a compreensão da dinâmica espacial, enfatizando a paisagem, como categoria de análise, uma vez que os discentes necessitam compreender essa dinâmica nos diversos aspectos que a compõe, analisando-a através do tempo geológico, histórico e social, que permite mudanças na forma, sentido, cores, sons (SANTOS, 1988).

Nesta perspectiva, é pertinente avaliar as configurações da paisagem de cada domínio, ressaltando as mudanças que ocorrem em tempos geológicos, modelando-a e remodelando-a, como também a ação antrópica acarretando em transformações profundas e predatórias, comprometendo os recursos naturais, culturais e sociais que se desenvolvem em cada bioma. Ressaltando a necessidade de interligar o conteúdo, analisando as diversas variantes que envolvem o espaço geográfico, moldando a paisagem. Contudo, nem sempre as aulas de Geografia conseguem êxito no processo de ensino e aprendizagem, haja vista que não interligam a dinâmica do espaço à vivência dos discentes.

É relevante ressaltar, como já citado anteriormente, que os conteúdos necessitam analisar as diversas variáveis que envolvem as transformações no espaço geográfico, conseqüentemente, relacionar a paisagem vivenciada pelos discentes, numa conjuntura em que os conteúdos tenham significado no cotidiano e desenvolvam a capacidade de refletir e intervir na realidade. Logo, pressupõem-se metodologias que instiguem nos discentes tais habilidades, dentre as quais as mutações da paisagem, a começar no cotidiano.

### **2.3. Por um ensino de Geografia de maior significado para os alunos**

As Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, DCN's (2010) tem como um dos seus princípios adotar metodologias que estimulem a capacidade cognitiva dos discentes, isso é extensivo para todas as áreas. Portanto, em Geografia, também é fundamental buscar métodos que estimulem a capacidade de compreender as transformações do espaço geográfico e da paisagem, por meio de recursos didáticos que permitam a correlação e entendimento da linguagem geográfica. Entretanto, é necessário entender as problemáticas referentes às metodologias desse ensino, desde o processo de institucionalização, para buscar alternativas viáveis no processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, durante o processo de institucionalização na década 1930, o objetivo da disciplina Geografia na escola, era descrever o espaço, logo os professores reproduziam aulas fragmentadas, sem a complexidade da análise do espaço geográfico, como sintetiza Brabant

(1994, p.19.). “O enciclopedismo da Geografia escolar se concentra mais sobre a descrição dos detalhes {...} do que sobre a totalidade dos fenômenos”. Tudo isso acarretando numa disciplina sem representação para os alunos, abstrata, em que os conteúdos não desenvolvem significação no cotidiano.

Pelos motivos mencionados, a Geografia escolar tornou-se, para muitos discentes, simplória e enfadonha, como afirma Lacoste (1988). Durante muito tempo, ficou rotulada como disciplina sem importância prática, embora seja reconhecida a sua importância estratégica e, justamente por isso, o Estado tenha lhe dado um tratamento secundário, haja vista o seu potencial de formação de uma consciência política, o que não é importante para o Estado capitalista. Para este, se faz necessária a alienação da sociedade, para ampliação e controle social das classes menos favorecidas.

As metodologias tradicionais no ensino de Geografia perpetuaram-se durante toda a sua história, com práticas mnemônicas e descritivas do espaço geográfico, no que se refere aos aspectos físicos, sem relacionar às relações sociais intrínsecas. Só após a Segunda Guerra Mundial, em virtude da crise da Geografia referente ao seu objeto e método de estudo, tendo em vista não responder as necessidades da sociedade, colocou-se em questão qual a finalidade da mesma, impulsionando-a ao processo de renovação;

Nas décadas de 1970 e 1980 esses debates foram mais assíduos e aprofundados, com a obra de Yves Lacoste “A Geografia, isso serve em primeiro lugar para fazer a Guerra”, que denunciava as duas Geografias (Dos Professores e a dos Estados Maiores). A primeira, tem por objetivo descrever o espaço geográfico, sem nenhuma relação com os sujeitos envolvidas neste processo; em contrapartida, a segunda tem o entendimento bastante concludente da dinâmica espacial e a relação de poder intrínseco no conhecimento geográfico.

Esses debates foram ganhando relevância em decorrência do período de muita repressão e desigualdades sociais, acarretadas pela ditadura militar no Brasil, assim, uma das formas de renovação da Geografia se deu, a partir da visão dialética, mas essa não foi a única, haja vista que o aparecimento de outras correntes do pensamento geográfico, observando as múltiplas inclinações do pensamento geográfico, como a Geografia Humanística, de base fenomenológica, que tem como pressuposto a análise do espaço vivido, das relações inseridas neste lugar, com suas particularidades, respeitando em suas análises, a cultura e a diversidade local.

Neste contexto, o Brasil também vivenciava mudanças importantes em seu cenário político e social, como o processo de redemocratização e reorganização da sociedade, a partir da década de 1980, com a promulgação da Constituição Federal de 1988 e da posterior

criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96). A década de 1990 foi responsável pelo direcionamento da política educacional do país, instituindo mecanismos objetivando melhorar a qualidade do ensino, dentre eles os PCN's (1998) (Parâmetros Curriculares Nacionais), que objetivaram a reorganização curricular em todas as áreas do conhecimento.

Nesta perspectiva, a Geografia escolar começa a desenvolver metodologias que possibilitam a compreensão da linguagem geográfica com sua complexidade de fenômenos, ou seja, relacionando os conteúdos à vivência dos alunos, para que tenha significado e possibilite aos sujeitos sociais transformarem o espaço em que estão inseridos e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida destes cidadãos, conforme cita Filizola (2009, p.31.), “Selecionar e organizar conteúdos básicos que possibilitem a formação da consciência espacial, o desenvolvimento do raciocínio geográfico, além de contribuírem para a inclusão social e o exercício de uma cidadania ativa”.

Como afirma Cavalcanti (2010), a escola exerce o papel de formar a consciência do cidadão, capaz de tornar os discentes autônomos, participativos e capazes de conduzirem suas vidas e transformarem a realidade em que estão inseridos. Portanto, tem-se a necessidade de sujeitos com a capacidade de executar as transformações imprescindíveis, numa sociedade complexa e desigual como a atual, visto que as realidades sociais são diversas, logo o conhecimento desenvolvido na escola também ocorre diversificado e com a Geografia não é diferente, como afirma Kimura (2008, p. 47):

Considera-se que tal processo, apesar de ser característico do ser humano no seu desenvolvimento ao longo de sua existência, não é sempre linear e evolutivo. Esse processo encerra movimento, ritmo e extensão e direção segundo circunstâncias inerentes à própria pessoa ou segundo circunstância sociocultural que se vão interpondo no processo de desenvolvimento dessa pessoa.

Portanto, se faz necessário a interação entre sujeito do conhecimento (aluno) e o objeto de estudo (conteúdo), para minimizar essas problemáticas advindas das desigualdades sociais e culturais que acarreta lacunas na aprendizagem dos grupos menos favorecidos da sociedade. Logo, o professor é um mediador para oportunizar aos sujeitos sociais compor questionamentos, indagações, inclusive relacionando o saber do senso comum ,para assim, desenvolverem numa dialética o conhecimento sistematizado ,a vista disto, a Geografia escolar cumpra o seu papel de formar consciência cidadã, desenvolvendo a linguagem geográfica, a começar no cotidiano.

Assim sendo, para a concretização do objetivo central da escola e da Geografia escolar, que é desenvolver a consciência cidadã, é imprescindível a inserção de recursos didáticos e de metodologias que transformem o conhecimento do senso comum existentes nas relações sociais cotidianas, sistematizando-as em conhecimento científico, e, por consequência, possibilitar o desenvolvimento da linguagem geográfica nos diferentes espaços que se constituem em constante transformação em função das necessidades dos grupos dominantes.

#### **2.4. O diálogo com as outras disciplinas do currículo: as práticas interdisciplinares**

Diante do cenário apresentado, das potencialidades da Geografia escolar e das recomendações expressas no currículo, existe a necessidade de incorporação ao ensino de Geografia de metodologias que busquem desenvolver as habilidades necessárias à compreensão espacial, sendo as práticas interdisciplinares um viés a ser considerado.

Tais práticas, caracterizam-se por serem capazes de ampliar a compreensão das temáticas abordadas, potencializando o processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que a fragmentação e o isolamento das disciplinas distancia os conteúdos curriculares do universo vivido pelos alunos. Como sintetiza Pontuschka (2009, p. 145), “a interdisciplinaridade pode criar novos saberes e favorecer uma aproximação maior com a realidade social mediante leituras diversificadas do espaço geográfico e de temas de grande interesse e necessidade para o Brasil e para o mundo.”

Portanto, contribuem consideravelmente, no processo de ensino e aprendizagem, ao ponto de já constituírem a forma de estruturação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, muito embora ainda haja uma dissonância entre a forma de organização do currículo]] escolar (ainda permanece mmk nas escolas brasileiras o ensino disciplinar) e a forma como é organizado o ENEM. Logo, práticas interdisciplinares vêm se apresentando como um mecanismo importante na busca por um ensino que amplie a capacidade cognitiva, sobretudo no contexto das transformações socioculturais, que ocorrem nas diversas escalas espaciais, sendo este um dos temas norteadores da proposta curricular para as Ciências Humanas e suas tecnologias, proposta pelo ENEM para o Ensino Médio.

Conforme as orientações apresentadas pelas Diretrizes Curriculares, o Ensino Médio deve ser estruturado em áreas do conhecimento, possibilitando uma interação mais efetiva entre as disciplinas, conforme é cobrado no ENEM. Nessa perspectiva, a interdisciplinaridade torna-se uma alternativa para a sistematização do conhecimento, como sintetiza Pontuschka

(2009, p. 146), “a atitude interdisciplinar precisa ser estimulada na escola, para auxiliar no entendimento do mundo e da realidade contraditória vivida pela sociedade”.]

Portanto, a Interdisciplinaridade deve ser entendida como o conjunto de saberes que interagem numa dinâmica dialética, com objetivos análogos, ou seja, o desenvolvimento cognitivo. Contudo, as práticas interdisciplinares na escola não devem ser desenvolvidas lineares ou hierarquizadas entre os saberes como afirma Fazenda (2008), tendo em vista, que interação entre as disciplinas, possibilitada por este método, ampliam o processo de ensino aprendizagem, logo a dinâmica pressupõe que os diferentes saberes, buque responder a complexidade de fenômenos da sociedade contemporânea, em um sistema capitalista se desenvolvendo no espaço geográfico.

Entretanto, para que os objetivos sejam alcançados é inerente a interação entre as disciplinas, como já citado anteriormente, como também, o conhecimento prévio dos alunos, pois é no cotidiano que a dinâmica espacial se desenvolve, por isso é importante levar em consideração, no processo interdisciplinar através de diferentes linguagens o espaço vivido, para a formação do senso crítico, uma vez que, é o objetivo da escola e da Geografia.

De modo que, no desenvolvimento das atividades da disciplina de Geografia, os conteúdos transcorrem por outros saberes, para que haja o entendimento mais coerente das transformações no espaço. Portanto, a interdisciplinaridade possibilita o entendimento a cerca das transformações do espaço geográfico e as consequências sociais, econômicas, ambientais desta dinâmica. Como afirma Pontuschka (2009, p. 109):

Uma disciplina parcelar não consegue lidar com todos os tipos de conteúdo, e disso decorre a necessidade de pensar em outros métodos e princípios que conjuguem esforços integrados para conseguir formar o homem inteiro, propiciando uma educação integral.

Por isso, as práticas interdisciplinares permitem compreender os conteúdos numa visão mais ampla da dinâmica do espaço geográfico, desconstruindo o saber fragmentado, que nada contribui no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, é relevante a interação entre professores das diversas áreas, como também a abertura para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares, norteadas nas necessidades dos discentes e do ambiente escolar, para a formação da cidadania dos alunos.

A interdisciplinaridade não é apenas a interação das disciplinas escolares, mas de projetos que agreguem saberes com os mesmos objetivos. Para isso, Compiani (2015) propõe a idéia de dimensão horizontal e vertical do conhecimento. A primeira refere-se as particularidades locais, relacionando e contextualizando de acordo com os objetivos a serem

alcançados, em contrapartida a dimensão vertical é a análise das relações no âmbito global, conectando-as para construir e desconstruir ideias numa relação dialética.

Desse modo, a Geografia propõe a relação dos diferentes saberes e dinâmica para ampliar o conhecimento dos temas importantes para a sociedade. Logo, no processo de investigação de metodologias que busquem tornar a interdisciplinaridade uma prática recorrente na escola, o diálogo entre a Geografia e a Língua Portuguesa, materializado pelas HQ's vem permitindo uma série de possibilidades de demonstrar as transformações espaciais, fazendo a relação com o cotidiano, de forma lúdica e divertida, uma vez que há uma familiaridade dos alunos com esta ferramenta, acarretando menor resistência para viabilizar esta prática em sala de aula. Como sintetiza Vergueiro et. al. (2004) os quadrinhos são um meio de comunicação de relevância penetração popular.

## **2.5. A linguagem dos quadrinhos: alternativa para compreensão da dinâmica espacial**

O gênero textual História em Quadrinhos (HQ's) é um recurso que surgiu no século XIX, nos Estados Unidos, sendo considerado um meio de comunicação de massa, como afirma Vergueiro et. al. (2004).

Amplamente divulgado pelos jornais da época, uma vez que o público alvo eram os imigrantes, foi desenvolvido, inicialmente, numa percepção crítica das problemáticas socioespaciais, organizado em formato de tiras, em espaços específicos do referido meio de comunicação.

No início do século XX, o gênero textual dos quadrinhos ganha escala mundial, pois passa a desenvolver HQ's com a introdução de personagens heróicos, buscando uma estrutura mais objetiva entre sujeito e objeto, atraindo novos leitores, entre os quais os adolescentes e jovens, impulsionando a produção dos chamados gibis (Revistas em quadrinhos). Todavia, foi um dos instrumentos responsáveis pela proliferação da cultura norte americana em escala global, em especial no pós-guerra.

Nesta perspectiva, as HQ's passaram na década de 1940 do apogeu para o declínio, tendo em vista que, para muitos intelectuais da época, esse gênero textual era maléfico no processo de ensino e aprendizagem dos discentes, como descreve Vergueiro et al. (2005). Uma linha de pensadores acreditava que os quadrinhos “embotaria o raciocínio lógico, a apreensão de ideias abstratas e um mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo dos leitores”. Haja vista que, no período da Segunda Guerra foram desenvolvidos HQ's de cunho violento, com a erotização de personagens e do

homossexualismo, por isso este recurso foi estigmatizado pelo ambiente escolar, até meados da década de 1980. Vale ressaltar que os quadrinhos introduziram a ideologia capitalista e norte-americana em escala global.

Assim sendo, a linguagem dos quadrinhos ganha uma nova configuração no final do século XX, retomando sua importância no processo de ensino e aprendizagem, pois possibilita, por meio da linguagem verbal e não verbal, o desenvolvimento cognitivo dos discentes, em razão de estimular, não só a leitura, como o interesse pelos conteúdos, como descreve Oliveira (2013, p.27). “São diversas as vantagens que as HQ’s trazem para professores e alunos, além de ajudar os alunos a se interessarem mais pelos conteúdos ministrados, elas podem oferecer uma gama de informações.” Reconduzindo as HQ’s ao status de recursos fundamental para a análise das relações sociais, econômicas e políticas nas diversas escalas, nos temas propostos.

Neste enfoque, as Histórias em Quadrinhos caracterizam-se com linguagens e códigos específicos do gênero, permitindo analisar as diferentes vertentes que se configuram no espaço geográfico, rompendo com o tradicionalismo nas aulas de Geografia, tendo em vista, que as HQ’s caracterizam-se como um sistema narrativo de códigos, tendo como pressuposto a linguagem verbal e não verbal, respectivamente. A linguagem não verbal nos quadrinhos representa a mensagem da qual se deseja expressar, numa relação com o texto escrito, através de seqüências ordenadas das quais o enquadramento, o formato, ângulo, os signos, personagens, dentre outros, possibilitando o maior aproveitamento do referido recurso. Como transcrito por Vergueiro et al. (2005), o entendimento dos elementos do referido gênero textual possibilita a elaboração de HQ’s numa maior desenvoltura de todo o seu potencial.

Entretanto, é necessário analisar a turma, as características para que os objetivos sejam alcançados, tendo em vista que as formas de desenvolver este recurso são diferentes, de acordo com os níveis de ensino. Portanto, para o melhor aproveitamento do gênero textual no nível médio, deve-se levar em consideração o tipo de HQ’s a serem trabalhadas e, no caso das produções, terão características próprias, de acordo com a realidade dos discentes.

Nesta perspectiva, as HQ’s são um gênero textual que permite, no processo de ensino e aprendizagem, expandir as habilidades cognitivas. Contudo, este recurso didático nem sempre é bem recebido no ambiente escolar, haja vista que a leitura dos quadrinhos pressupõe dos sujeitos sociais um maior comprometimento, para analisar as diversas linguagens intrínsecas na mesma, refutando a reprodução sem significância dos conteúdos.

Assim, no ensino de Geografia, as HQ’s permitem a interação dos alunos com os temas propostos em sala de aula, entretanto em muitos casos é apenas utilizado para

demonstrar assuntos específicos, sem ampliar o leque de possibilidades da análise espacial. Todavia, é um recurso que comporta as mais variadas formas de análise espacial, possibilitando visualizar as transformações e, por conseqüência, construir o senso crítico acerca da temática. Portanto, a paisagem é um dos conceitos que se apresenta no desenvolvimento dos quadrinhos, proporcionando uma análise dos diversos elementos e as relações no espaço geográfico, como descreve Costa (2009, p.3):

É possível utilizar-se das HQ's como forma de estudo da paisagem. Através da apresentação dos aspectos visuais {...}, trabalhando a observação e a identificação de elementos da paisagem, estabelecendo correlações entre eles e, dessa forma, reconhecendo os processos de produção do espaço geográfico.

Impulsionando, os sujeitos sociais a identificar essa dinâmica no cotidiano, por meio de quadrinhos que ampliam a dialética dos conteúdos, além disso, possibilita o desenvolvimento de habilidades e competências, tendo em vista que, na Geografia escolar, este recurso permite analisar a paisagem nas variadas vertentes que o compõe, ponderando a dinâmica cultural, social, econômica e ambiental nos quadrinhos.

Cândido (2012) descreve que os quadrinhos têm múltiplas possibilidades no processo de ensino e aprendizagem, proporcionando por meio de imagens, textos, signos a transposição didática, relacionando os diversos saberes, na busca de ampliar o desenvolvimento do senso crítico acerca da produção do espaço geográfico pelo capital, na elaboração dos quadrinhos.

Para o melhor desenvolvimento das atividades, tendo em vista que, na sociedade contemporânea a imagem é uma das primeiras habilidades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem, destacando também os códigos que permitem uma maior interação dos sujeitos sociais, trazendo para o seu cotidiano as HQ's e, por conseqüência, a propagação da linguagem geográfica.

Enfim, como já relatado, este recurso didático permite uma interação ampla da Geografia escolar em todos os aspectos, dentre as quais o ambiente escolar e o espaço de vivência, analisando o espaço nas mais variadas escalas, realizando uma correlação entre elas para assim, desenvolver a linguagem geográfica e a cidadania plena.

### **3. METODOLOGIA**

A ciência na contemporaneidade deve exercer sua função social, a julgar pela necessidade de ampliar o conhecimento científico, na busca de uma relação consciente entre homem e natureza, tendo em vista que a 'neutralidade' científica acarretou, como descreve

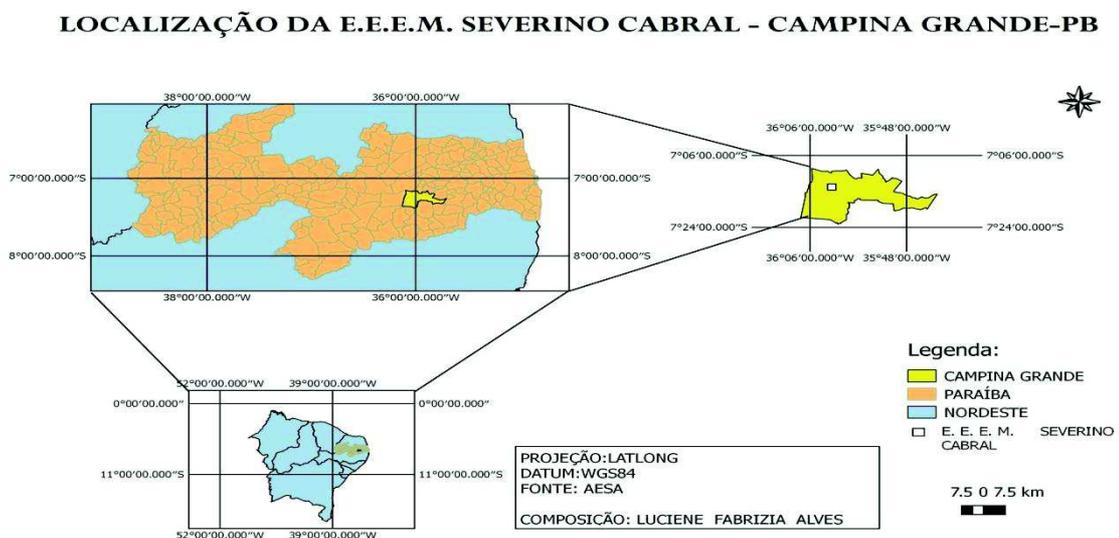
Japiassu (1986) a individualidade industrial, pesquisas científicas com fins destruidores e a manipulação crescente dos indivíduos. Assim sendo, conduziu a sociedade ao que Japiassu denominou de “Patologia do consumo” impelindo a degradação dos recursos naturais em escala planetária e com conseqüências ainda pouco difundidas para as futuras gerações.

Portanto, é pertinente desenvolver estudos científicos, que ampliem o saber coletivo das problemáticas citadas anteriormente, buscando estratégias para minimizar, em curto prazo, essas problemáticas e como também desenvolver a consciência do papel social que exerce o cidadão, a começar no meio em que estão inseridos.

Dentre os diferentes métodos desenvolvidos nas ciências humanas, é pertinente buscar estratégias que melhor constituam o conhecimento científico, por meio de procedimentos que permitam desenvolver o processo cognitivo, numa relação crítica e social das relações de poder no espaço geográfico, como também as consequências no cotidiano. Nesta perspectiva, a pesquisa desenvolveu-se nos anos letivos 2014 e 2015 na Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral, na cidade de Campina Grande-PB, como atividade integrante do Subprojeto de Geografia PIBID/UEPB por meio da colaboração entre bolsista PIBID, professor supervisor e coordenador de área de Geografia, com alunos de 1º e 2º Ano do Ensino Médio, de faixa etária entre 14 e 16 anos.

A referida escola está localizada no Bairro de Bodocongó, cidade de Campina Grande-PB, conforme representado na Figura 1.

Figura 01: Localização da Escola Severino Cabral.



Fonte: NASCIMENTO, Alves Fabrizia Luciene.

A escola, no período da pesquisa, fazia parte do Programa de Ensino Médio Inovador (ProEMI), que tinha por objetivo desenvolver uma diversidade de práticas pedagógicas para atender às necessidades e expectativas dos discentes, em virtude da ampliação do tempo de frequência dos mesmos na escola (Período integral), além disso, requer uma maior integração dos docentes para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra dando significado aos temas propostos, a fim de que os discentes percebam a importância do conhecimento para a sua formação cidadã.

A pesquisa foi desenvolvida numa perspectiva qualitativa, por meio da pesquisa-ação, mais especificamente a partir do desenvolvimento de um projeto de intervenção que se fundamentou numa concepção crítica acerca das transformações recorrentes no espaço geográfico, dos referidos Biomas brasileiros e os impactos deste processo na paisagem dos mesmos, como também a percepção dos discentes acerca da temática, relacionando ao cotidiano.

As intervenções realizadas intencionavam aproximar sujeito e objeto de estudo, numa relação dialética entre as teorias desenvolvidas na graduação e sua prática em sala de aula, por meio do Programa de Iniciação a Docência, proporcionando experiências bastante relevantes, como também o desenvolvimento de pesquisas que contribuam para aprimorar a prática docente e, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem. Tendo em vista, a importância de se desenvolver projetos, já na graduação que possibilite a interação entre as teorias acadêmicas na escola básica, interligando os conhecimentos, acarretando uma visão mais incisiva do ambiente escolar, e por conseqüência uma melhor formação dos futuros licenciados, assim como, dos supervisores que na maioria dos casos retomam a interação com o mundo acadêmico.

No ano letivo 2014, as análises foram desenvolvidas em três etapas: primeiro a análise do questionário, em seguida ocorreu à execução do projeto interdisciplinar e, por fim, a análise dos avanços qualitativos, no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem da Geografia pelos discentes, através das práticas interdisciplinares.

No ano letivo 2015 o projeto transcorreu em quatro etapas: Inicialmente, o diagnóstico através dos questionários, posteriormente, a análise da categoria geográfica paisagem, logo após, o desenvolvimento do projeto interdisciplinar, finalizando com a avaliação dos avanços desta práxis no processo de ensino e aprendizagem da Geografia, ou seja, quais os progressos qualitativos deste projeto na dinâmica cognitiva dos sujeitos sociais envolvidos. Dessa forma, resumidamente, houve quatro produções que serão analisadas, duas

do ano letivo 2014 e duas do ano letivo 2015, que serão chamadas de (PRT(1)- Ano), (PRT(2)- Ano) e, assim, sucessivamente, conforme a Figura 2:

Figura 2: Etapas do desenvolvimento do Projeto.

Etapas	Ano: 2014. Série: 2º Ano ( B e C). Quantidade: 25 e 20 alunos, respectivamente.	Ano: 2015 Série: 1º Ano (A) Quantidade: 28 alunos
1ª	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicação e análise dos questionários</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicação e análise dos questionários</li> </ul>
2ª	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Execução do projeto interdisciplinar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise das categorias geográficas, dando ênfase à paisagem.</li> </ul>
3ª	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Averiguação das produções desenvolvidas pelos discentes.</li> <li>• Análise dos avanços qualitativos no processo de ensino e aprendizagem, através das práticas interdisciplinares.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolvimento do projeto interdisciplinar no ensino de Geografia.</li> </ul>
4ª		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diagnóstico de duas produções dos discentes.</li> <li>• Análise dos avanços da práxis interdisciplinar no ensino de Geografia.</li> </ul>

Fonte: NASCIMENTO, A.F. Luciene.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1. Análises das práticas interdisciplinares referentes ao ano Letivo 2014

Com o advento do PIBID na Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral, no ano letivo 2014, se fazia necessário que os bolsistas compreendessem quais as dificuldades vivenciadas pelos discentes, no que se refere à disciplina de Geografia e como poderiam contribuir na aprendizagem dos mesmos. Assim sendo, as turmas dos 2º anos (B e C) do Ensino Médio foram escolhidas para trabalhar com práticas interdisciplinares, visto que já nos primeiros contatos, sugeriram aulas mais dinâmicas, saindo das metodologias tradicionais.

Como afirma Pontuschka (2010, p.112), “conhecer os alunos, as representações sociais, e os saberes que trazem é a primeira tarefa do professor em qualquer disciplina”. Por isso, a importância de analisar como os discentes visualizavam e compreendiam a Geografia escolar, como também, se os mesmos identificavam sua correlação com o cotidiano. Assim, inicialmente, ocorreu a aplicação de entrevistas abertas para turmas do 2º B composta por 25 e do C por 20 alunos.

Tais entrevistas visavam a compreensão do nível de aprendizagem, assim como a percepção dos alunos acerca da Geografia escolar, como também sugestões para dinamizar as aulas, tendo em vista a necessidade de identificar a realidade dos alunos para, posteriormente, buscar estratégias que melhor contribuíssem com o desenvolvimento do processo cognitivo.

Nesta perspectiva, verificou-se que os discentes identificavam a importância da disciplina para a compreensão do espaço, contudo, numa relação estanque entre os sujeitos sociais inseridos no espaço geográfico, ou seja, numa percepção superficial, sem que os sujeitos modificassem o espaço geográfico em função dos interesses do capital. Assim como também não relacionavam a Geografia com outras disciplinas, trazendo para a discussão uma velha problemática da Geografia escolar - a fragmentação dos conteúdos, que pouco contribuem no processo de ensino e aprendizagem, menos ainda na formação cidadã dos discentes, conforme afirmação de Pontuschka (2009,p.109)

Uma disciplina parcelar não consegue lidar com todos os tipos de conteúdos, e disso decorre a necessidade de pensar em outros e princípios que conjuguem esforços integrados para conseguir formar o homem inteiro, proporcionando uma educação integral.

No primeiro momento, constataram-se as dificuldades dos discentes em perceber as transformações espaciais em suas múltiplas dimensões, sendo um desafio mostrar que o espaço geográfico vivencia transformações constantes, para responder às necessidades da sociedade, uma vez que a natureza responde e reflete tais processos, e como eles fazem parte dessa dinâmica. Portanto, os mesmos sugeriram dinamizar as aulas com recursos audiovisuais, mapas, aulas de campo, enfim, práticas que permitissem uma análise mais consistente acerca da Geografia escolar.

Nesta perspectiva, o conteúdo referente aos Biomas brasileiros foi trabalhado visando uma práxis interdisciplinar, tendo em vista que, para compreender os diferentes domínios e as diversidades físicas, sociais e ambientais, fazia-se necessário a junção de outras disciplinas, para que o processo de ensino e aprendizagem transcorresse significativamente na vivência dos discentes para, assim, desenvolverem a linguagem geográfica, através do tema proposto.

Logo, trabalhou-se na sala de aula, com textos complementares para discussão, utilizando também filmes e documentários, objetivando uma compreensão mais ampla dessa dinâmica.

Nas aulas expositivas, identificaram-se as dificuldades dos alunos em compreender a diversidade natural e cultural dos Biomas, se surpreendendo com a variedade de espécies da Caatinga, por exemplo, fato que advém de uma problemática da Geografia tradicional, que não contextualiza os conteúdos com a realidade dos discentes. Por conseguinte, na apresentação do filme (RIO2), apresentaram uma compreensão melhor do Bioma citado, percebendo a problemática da falta de conservação ambiental neste domínio, que vem sendo degradado rapidamente, sem uma fiscalização eficiente para combater essas práticas.

Posteriormente, trabalhou-se como o auxílio do livro didático e textos complementares para caracterizar os referidos Biomas brasileiros, haja vista, a necessidade de desconstruir algumas visões equivocadas acerca dos mesmos. Em razão das lacunas citadas anteriormente, os alunos analisavam de forma superficial as características físicas, além do que não relacionavam a ação antrópica intervindo sobre os mesmos. Por isso, foi necessário verificar tanto os atributos naturais, diferenciando-os pelo que Ab'Saber (2003, p. 11-12) denominou de “conjunto espacial de certa ordem de grandeza territorial, com coerência de feições de relevo, tipos de solo, formação vegetal e condições climáticas e hidrológica.” Como também, as características culturais advindas das relações sociais em sua complexidade de fenômeno. Assim sendo, os discentes tiveram a oportunidade de compreender o que caracteriza cada um dos Biomas, as riquezas naturais e sociais oriundas em cada domínio, para então iniciar o raciocínio geográfico acerca do espaço geográfico e das paisagens dos mesmos.

Nesta perspectiva, foi necessário compreender por meio também do documentário tais características, uma vez que os discentes consideravam algumas paisagens menos relevantes que outras, portanto, desconstruir o estereótipo, a exemplo da Caatinga, que era classificada como paisagem desprovida de recursos naturais e de pouca relevância social. Vale ressaltar que, na visão dos alunos, os sujeitos sociais não faziam parte da dinâmica espacial e da paisagem, menos ainda, modificando-a em função dos interesses de grupos específicos.

Logo, para uma compreensão mais ampla das transformações espaciais, as discussões em sala de aula, as imagens e recursos audiovisuais, foram ferramentas importantes para que os discentes iniciassem a construção de uma noção espacial mais concreta. Por conseguinte, quando se retornou às discussões, eles já viam esse processo, com um grau de criticidade maior, entendendo que o capital e as técnicas influenciam diretamente no processo de transformação espacial e da paisagem.

Como afirma Santos (2006, p.62). “Os novos sistemas de objetos põem-se à disposição das forças sociais mais poderosas, quando não são deliberadamente produzidos para o seu exercício.” Portanto, passaram a analisar como os grupos dominantes exercem o poder e as técnicas para a manipulação e transformação do espaço geográfico e da paisagem, em tempos diversos, como o objetivo de exercer domínio sobre os menos favorecidos da sociedade, assim como se perpetuar no poder.

Neste enfoque, em que o País vivenciava um dos maiores acontecimentos mundiais, que era a Copa do Mundo, fora pertinente relacionar o conteúdo ao evento, oportunizando aos discentes ampliar o conhecimento das transformações espaciais acarretadas pelo mesmo e as consequências ambientais, sociais, deste evento para o País. Portanto, se adentrou na Geografia da copa, ficando evidenciadas a falta de conhecimento da maioria dos alunos, no que se refere às transformações ocorridas a partir desse evento, e as consequências, para a sociedade brasileira, tendo em vista que a ideia repassada pela mídia era apenas dos benefícios para o País.

Contudo, quando se analisou as alterações ocorridas na paisagem das sedes, sem um estudo mais profundo dos impactos, pois não havia tempo hábil, além da falta de planejamento, as consequências ficaram evidenciadas através de uma série de problemas sociais e ambientais, ressaltando-se que não estavam visíveis para a maioria da sociedade brasileira os impactos deste evento. Logo, verificou-se a importância de dar significado aos conteúdos, relacionando-os ao cotidiano dos sujeitos sociais, com afirma Cavalcanti (2010, p. 149). “de nada serve o conhecimento propiciado pelo ensino se não tiver resultado na vivência prática.”

Entretanto, ainda há um caminho longo a ser percorrido, pois as lacunas ainda são significativas, sendo necessário um trabalho contínuo para que estas problemáticas possam ser sanadas e, conseqüentemente, desenvolvam com propriedade a linguagem geográfica. Assim, desenvolvam o cognitivo, sendo o professor o mediador desse processo. Daí a importância do profissional da educação, tendo em vista que, as informações veiculadas surgem numa rapidez considerada, e com o objetivo de mascarar a realidade. Assim, é pertinente ser sistematizadas para que não se transformem em informações manipuladas, como as veiculadas por boa parte da mídia referentes a Copa do Mundo, e em muitos casos reproduzidas pelo ambiente educacional.

Como sintetiza Alexandre (2001, p.112). “A preocupação não é mais com o que é comunicado, mas sim com a maneira com que se comunica e com o significado que a comunicação tem para o ser humano.” Portanto é fundamental que o ambiente escolar,

possibilite aos discentes identificar as informações veiculadas e analisá-las, não mais como verdade absoluta, mas buscando construir a formação do senso crítico, por meio do conhecimento sistematizado, do que é difundido na sociedade.

Nesta perspectiva, a disciplina de língua Portuguesa foi a parceira na busca por uma prática interdisciplinar, ressaltando que o objetivo era entender as transformações geográficas do espaço, utilizando-se de outras linguagens para representar o espaço em suas diversas formas. Deste modo, foi apresentado aos alunos o gênero textual Histórias em Quadrinhos (HQ's), em que a professora de Língua Portuguesa trabalhou a temática de maneira conjunta, ressaltando que na Geografia era a primeira experiência de trabalho relacionando as duas disciplinas, haja vista que a linguagem dos quadrinhos possibilita analisar o espaço geográfico e a paisagem, por várias vertentes, pois o sistema narrativo de códigos deste gênero permite entender as transformações do espaço geográfico.

Portanto, para o desenvolvimento do projeto, as turmas foram divididas em doze grupos, cada um ficou responsável por um Bioma brasileiro, que estava localizado em umas das doze sedes da Copa do Mundo. Ressaltando, que alguns dos Biomas não foram analisados neste segundo momento, tendo em vista que a extensão geográfica do país, as sedes não estavam inseridas em todos os Domínios brasileiros.

Neste enfoque, localizaram-se por meio do mapa do Brasil cada domínio morfoclimático nas respectivas sedes, posteriormente, os grupos analisaram as características da paisagem, relacionando-os ao mosaico de tempos históricos diversos, que se encontra em constante transformação, revelando neste processo as problemáticas socioambientais, em tempos distintos, em função das necessidades advindas do capital, como sintetiza Santos (1988,p.23)

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial.

Deste modo, a categoria paisagem foi se revelado para os discentes como reflexo de cada sociedade, dos interesses e necessidades advindas dos grupos que detém o poder, logo, identificaram que a massa é conduzida a não compreender este processo e, por conseqüência, relacionar a paisagem como estanque e superficial. Como também, nas relações de poder, desenvolvidas no espaço geográfico das referidas sedes, advindas dos grupos responsáveis pela realização da Copa, a excessiva presença estatal na construção da infra-estrutura do

evento, pela falta de planejamento, enfim, análises que não eram visíveis para os discentes até aquele momento.

Nesta perspectiva, na produção das HQ's os discentes tiveram plena liberdade de mostrar esse processo, a partir da própria sistematização que os mesmos fizeram do conteúdo abordado, trazendo uma criticidade relevante, especialmente, na relação da sociedade com a natureza. Como sintetiza Vergueiro et al. (2004), o ensino de Geografia resgatou a relevância da leitura do mundo por meio da paisagem, assim como, do espaço geográfico. Logo, as Histórias em Quadrinhos se apresentam como uma ferramenta importante, que trabalha por meio de códigos, as configurações do espaço geográfico numa dimensão tempo e espaço.

Paralelamente, a professora de língua portuguesa desenvolvia com os discentes a compreensão da linguagem dos quadrinhos por meio de códigos, dentre os quais a linguagem verbal, não verbal, balões que representam espaço e tempos diversos, assim como as onomatopéias<sup>2</sup>. Desse modo, a disciplina de Português teve um papel significativo para o desenvolvimento das HQ's pelos discentes.

A Figura 3 apresenta aspectos do trabalho realizado, a partir das práticas interdisciplinares.

---

<sup>2</sup> São signos convencionais que representam ou imitam um som por meio de caracteres alfabéticos. Vergueiro (2004).

**Figura 03:** Desenvolvimento do projeto interdisciplinar por meio da construção das HQ's



Pesquisa de Campo na E.E.E.M. Severino Cabral, 2014.

Nesta perspectiva, como demonstra a figura 03, os discentes desenvolveram o projeto interdisciplinar através da produção das HQ's. Nesta etapa, retiram as dúvidas referentes à elaboração, tendo em vista que, apresentaram dificuldade em contextualizar o conteúdo com a Geografia da Copa, assim como, referente aos códigos das HQ's. Portanto, os professores envolvidos no projeto foram sanando as indagações, à medida que eram solicitados, neste momento os alunos mostraram um maior comprometimento a práxis realizada. Todavia, foi identificada uma certa resistência, ao projeto interdisciplinar por parte de alguns grupos.

Assim sendo, os resultados apontaram, que o comprometimento do ambiente escolar, com os corpo docente envolvidos nas atividades, instigaram os alunos a desenvolver a linguagem geográfica, identificando os conceitos próprios da disciplina. Assim como, o raciocínio, a criatividade, a escrita, nas produções das HQ's, como também, uma análise mais contundente das transformações espaciais advindas do processo de produção desenvolvidos pelo capital.

#### **4.2. Análise das produções desenvolvidas pelos discentes dos 2º Anos (B e C) - ano 2014**

Na elaboração das HQ's, identificou-se que a maioria dos discentes tiveram interesse relevante, visto que tiraram dúvidas, pediram sugestões, mostrando-se comprometidos com o trabalho proposto, entretanto, uma pequena parcela não apresentou interesse, pois estava acostumada com o tradicionalismo da disciplina de Geografia. Contudo, os grupos que se dispuseram e usaram das mais diversas habilidades, para alcançar a sistematização do tema através da prática interdisciplinar, além de apresentar uma autonomia para desenvolver e construir o conhecimento sistematizado.

Logo, a PRT1-2014 descreveu o Bioma Mata Atlântica, relacionando as sedes da Região Nordeste, nas diversas vertentes, dentre as quais as características físicas, sociais e culturais, além da localização, contextualizando com a Geografia da Copa. Os personagens criados desenvolvem um diálogo analisando a importância cultural e social deste Bioma para o desenvolvimento da região, além de uma crítica contundente ao processo de degradação que vivencia este Domínio, desde a colonização. Como descrito no trecho da PRT1-2014 “Como podemos ver, até nos sotaques, nosso Bioma apresenta uma grande diversidade, mas infelizmente ele vem sofrendo muito com a devastação.” Como demonstra os trechos abaixo:

Além disso, no diálogo os alunos buscaram conscientizar sobre a importância de se preservar o que ainda resta do mesmo, através do manejo adequado dos resíduos, como também a necessidade de preservação dos recursos hídricos, ou seja, analisaram as transformações do espaço geográfico e da paisagem no decorrer do tempo histórico, logo, compreenderam que a paisagem, assim como o espaço são transformados em função das necessidades advindas dos meios de produção. Como afirma Vergueiro et al. (2004), as HQ's possibilitam o entendimento do processo de produção do espaço geográfico, que estão ocultos, acarretando uma análise sistematizada da paisagem, que antes era vista de forma estanque. Ressaltando, que os personagens criados refletem a interação que os discentes obtiveram com as práticas interdisciplinares, por meio do recurso dos HQ's. Todavia, não contextualizaram com clareza as transformações acarretadas pelo evento nos Biomas sedes.

Os resultados da PRTI-2014 estão expostos abaixo, nas Figuras 4(a e b), que descrevem trechos da produção PRT1-2014 desenvolvida pelos discentes.

Figura 4: Trechos da produção PRT1-2014.(a)



Pesquisa de Campo na E.E.E.M. Severino Cabral, 2014.

Figura 4: Trechos da produção PRT1-2014.(b)



Pesquisa de Campo na E.E.E.M. Severino Cabral, 2014.

Contudo, esse recurso permitiu uma análise diferente do que eles estavam acostumados a fazer do referido Bioma, ou seja, passaram a refleti-lo em suas diversas vertentes, identificando os sujeitos sociais neste processo, que modificam o espaço em função de interesses individuais, porém, seus reflexos são de ordem coletiva, por isso, a importância de compreendê-los, para então intervir, desenvolvendo nessa dinâmica a consciência cidadã. Ou seja, identificando que as massas são conduzidas a não compreender como este processo reflete na vivência, nas relações sociais, que acarretam opressões, desigualdades, dentre outros fatores.

Em outra vertente, a PRT2-2014 produziu um quadrinho analisando a problemática da copa para a sociedade brasileira, tendo em vista o excessivo investimento público, sem planejamento prévio e responsabilidade nos gastos. Como descrito no trecho PRT2-2014,



Portanto, os resultados foram satisfatórios, haja vista que um número significativo dos grupos alcançou êxito no trabalho proposto, pois contextualizou através das HQ's, o conteúdo interligando com a Geografia da Copa. Assim sendo, identificaram as transformações ocorridas na paisagem através da inserção dos meios de produção, nos novos espaços construídos para a realização do evento, como também, dando uma nova funcionalidade aos que já existiam. Deste modo, compreenderam que o espaço geográfico vivencia um processo de transformação constante, em função das necessidades do capital.

Além do que o projeto interdisciplinar desenvolveu a criticidade dos discentes nas produções, analisando de forma consciente as transformações dos Biomas pelo o evento nas sedes, assim como as consequências do excessivo investimento público para a realização do mesmo, tendo em vista que setores fundamentais para o desenvolvimento do País ficaram comprometidos, como também as problemáticas ambientais e os impactos nos Biomas para a realização da Copa do Mundo no Brasil.

Nesta perspectiva, o recurso dos quadrinhos configurou-se como um instrumento importante para a viabilização do projeto, apesar das resistências citadas, os discentes desenvolveram a linguagem geográfica. Assim sendo, autores como Deffune (2010), Costa e Tonini (2010), comprovam como a introdução das HQ's nas aulas de Geografia contribui consideravelmente no processo de ensino e aprendizagem, pois os discentes analisaram as transformações espaciais de forma lúdica e, ao mesmo tempo, desenvolveram o cognitivo para a formação do senso crítico e da cidadania plena, por meio da linguagem geográfica produzida nos quadrinhos. Portanto, os resultados demonstram como as práticas interdisciplinares contribuíram consideravelmente na aprendizagem da Geografia escolar, por meio das práticas interdisciplinares.

A Figura 6 apresenta os resultados alcançados a partir das práticas interdisciplinares no ano letivo 2014.

Figura 6: Resultados da Intervenção realizada por meio das HQ's.



Fonte: Pesquisa de Campo na E.E.E.M. Severino Cabral, 2014.

### **4.3. Desenvolvimento do Projeto interdisciplinar no ano letivo 2015.**

O projeto permaneceu em andamento no ano letivo 2015, tendo significativos resultados, tendo em vista que o comprometimento da comunidade escolar - transformar a sociedade em que os sujeitos sociais estão inseridos. Desenvolvendo uma nova visão das temáticas, como também a consciência do papel que deve exercer na sociedade. Portanto, o trabalho interdisciplinar veio contribuir para melhorar o processo de ensino e aprendizagem dos discentes da Escola Severino Cabral, pois passaram a construir e vivenciar a Geografia em seu cotidiano, com um novo olhar e, por conseqüência, intervir de maneira consciente junto a sua realidade.

Sendo assim, as expectativas eram de um trabalho ainda melhor, haja vista que as experiências advindas do ano letivo anterior teriam a possibilidade de serem aprimoradas e superadas, com resultados ainda mais significativos para o ano letivo 2015. Deste modo, numa primeira abordagem foi escolhida a turma em que seria desenvolvido o projeto interdisciplinar, diante de uma primeira abordagem, verificou-se a necessidade do 1º ano (A) do Ensino médio, viabilizar as atividades.

Inicialmente, aplicaram-se questões referentes à Geografia escolar e as necessidades da turma, que era de 28 alunos, em sua maioria na faixa etária equivalente a série. Assim sendo, os resultados revelaram as dificuldades que os discentes apresentaram em compreender o espaço geográfico a partir da relação dos sujeitos sociais que o compõe, lembrando no diagnóstico apenas os aspectos físicos, demonstrando lacunas significativas no processo de ensino e aprendizagem da Geografia escolar. Vale ressaltar que essas problemáticas também foram identificadas na interpretação das questões, tendo em vista que os alunos não conseguiram desenvolver um raciocínio mais incisivo, por isso os resultados expuseram respostas superficiais, advindas das lacunas no processo de ensino e aprendizagem no nível fundamental.

Inicialmente, foi necessário desenvolver um estudo para compreender as categorias geográficas, dando ênfase à Paisagem, haja vista as lacunas citadas anteriormente no processo de ensino e aprendizagem da Geografia escolar. Logo, evidenciaram-se os conceitos por meio da utilização dos softwares Google Earth Pro e Qgis, estes programas proporcionaram uma

análise mais contundente do espaço geográfico e da paisagem da cidade de Campina Grande, avaliando as transformações, desigualdades, e as consequências para a sociedade local.

A utilização de novos recursos didáticos no processo de ensino e aprendizagem possibilitou a compreensão mais significativa do objeto de estudo da Geografia escolar, tendo em vista que, analisaram a dinâmica a partir do bairro, da cidade em que estão inseridos. Os softwares permitiram uma análise de várias localidades do município, proporcionando aos mesmos, construir a linguagem geográfica, identificando as mutações constantes na paisagem e as consequências para a sociedade e o meio, pois foram analisadas áreas estratégicas da cidade, que foram ou estão sendo transformadas em função das necessidades dos meios de produção, além disso, das questões ambientais como o desmatamento na reserva do Louzeiro, localizada na zona norte de Campina Grande-PB. Como afirma Fantin et al (2005,p.69). “Análise do espaço geográfico em escalas micro auxiliam-nos a refletir sobre as possibilidades em escalas macros.”

Nesta perspectiva, expuseram-se o conteúdo referente aos Biomas brasileiros por meio do auxílio do livro didático e do texto complementar (Patrimônio em perigo), buscando caracterizá-los nos diversos aspectos, desde os naturais até os artificiais, assim como a problemática da degradação dos recursos naturais em todos os domínios morfoclimáticos brasileiros e as consequências, a médio e longo prazo para a sociedade. Além disso, identificaram a localização através do mapa do Brasil.

Posteriormente, a divisão da turma em equipes, em que cada grupo ficou responsável por um dos seis principais Biomas para confeccionar murais e cartazes, segundo a divisão realizada por Ab’Saber (2003), buscando nesta atividade compreender o espaço geográfico dos diversos Biomas brasileiros. Logo, objetivou-se caracterizar os aspectos físicos, sociais e culturais e analisar como a ação antrópica interfere e transforma a paisagem, haja vista que, anteriormente, na exposição do conteúdos, os discentes mostraram-se comprometidos com a temática proposta, assim, dialogaram e refutaram alguns dos conceitos propostos pelo livro didático, por exemplo. Deste modo, se propuseram a pesquisar acerca dos referidos Domínios, já analisando a ação do ser humano e do meio, e como isso reflete e transforma os Biomas brasileiros.

A Figura 7 representa o desenvolvimento do projeto por meio da confecção de Murais e Cartazes.

**Figura 7:** Confeção de Murais e cartazes dos Biomas brasileiros



Fonte: Pesquisa de Campo na Escola Severino Cabral 2015.

Nesta perspectiva, posteriormente, trabalhou-se os impactos ambientais e sociais, através de um texto complementar intitulado “Limites da Exploração”, que relata os mecanismos legais de proteção e preservação dos Domínios, permitindo aos alunos desenvolver uma dialética, entre a ação dos sujeitos sociais na natureza em função do capital. Como descrito por Santos (2006,p.66), ”A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.”

Tendo em vista que, os mecanismos legais nem sempre conseguem conservar e proteger os recursos naturais e as comunidades locais, haja vista que as grandes corporações internacionais não estão preocupadas com as consequências da falta de sustentabilidade ambiental e social nas comunidades locais, na verdade o objetivo central é o lucro. Portanto, os discentes passaram a analisar como os países em desenvolvimento, como o Brasil, tem suas riquezas usurpadas para a perpetuação do poder das grandes nações, em detrimento dos resultados para a sociedade brasileira. Logo, o debate em sala de aula foi bastante caloroso,

construtivo com questionamentos, dúvidas, enfim, oportunizando aos discentes construir a sistematização do tema abordado, tendo os professores como mediadores desta dinâmica.

Posteriormente, foi exposto o projeto Interdisciplinar entre Geografia e Língua Portuguesa, por meio do recurso didático das Histórias em Quadrinhos (HQ's), tendo em vista a necessidade de buscar novas metodologias que busquem uma sistematização mais global do conhecimento. Portanto, foi sugerido aos discentes produzirem HQ's analisando o espaço geográfico e da paisagem dos referidos Biomas, tendo em vista a ampla possibilidade que esse gênero apresenta de decodificar as múltiplas mensagens nele presente, considerando o que afirma Vergueiro et al. (2004, p.128) “ Além de questões dissertativas e outras envolvendo a leitura, interpretação e discussão dos quadrinhos, o professor pode também estimular a produção de quadrinhos pelos próprios discentes.”

Assim sendo, o professor de Língua portuguesa foi o parceiro na busca por uma prática interdisciplinar, construindo o conhecimento do gênero textual com os discentes, desenvolvendo a compreensão acerca dos códigos e estruturas própria dos quadrinhos. Neste enfoque, iniciou-se a produção das HQ's ressaltando que os alunos já estavam divididos em grupos anteriormente para a produção dos murais e permaneceram os mesmos. Por sugestão do professor de Português desenvolveram um roteiro da história, estimulando outras habilidades, como a criatividade, conseqüentemente, os que desenvolveram roteiros não obtiveram dificuldades em produzir a estrutura do referido gênero textual. Contudo, os grupos que sentiram maior dificuldade, foram acompanhados numa cooperação dos docentes envolvidos no projeto. O trabalho com as HQ's proporcionou um dinamismo, em que houve o envolvimento dos alunos como comprova a Figura 8:

**Figura 8:** Desenvolvimento do projeto interdisciplinar, construção das HQ's pelos discentes.



Fonte: Pesquisa de Campo na E.E.E.M Severino Cabral 2015.

Paralelamente, foi sugerido uma dinâmica intitulada “café geográfico”, neste enfoque, essa propositura funcionou por meio do ciclo de perguntas e respostas da temática abordada, em que eles puderam pedir auxílio aos colegas, entretanto, apenas uma vez, para que todos participassem. Em seguida, foi distribuído o lanche coletivo para confraternizar os sujeitos sociais envolvidos no projeto, assim como diálogos informais sobre a atividade.

Vale ressaltar que essa ação possibilitou sanar dúvidas referentes à degradação dos domínios, especialmente dos grupos como maior dificuldades nas produções, assim como, a inserção das problemáticas sistematizadas pelos discentes nas HQ's,

#### **4.4. Análise das produções textuais dos discentes: 1º Ano (A) do Ensino Médio ano letivo 2015**

Nesta perspectiva, a PRT1-2015 desenvolveu em sua produção, a importância do Bioma Pantanal, identificado as riquezas naturais e sociais, assim como a problemática da ação humana interferindo e modificando o espaço geográfico em função dos interesses do capital. Sintetizado no trecho PRT1-2015 “ Aqui seria um bom lugar para construir minhas

usinas.” Portanto, relataram na produção a degradação ambiental e as transformações da Paisagem, pela necessidade de crescimento econômico, como sintetizado no trecho da PRT1-2015 “Mas vamos ter que desmatar o Pantanal para construir as usinas.” Deste modo, identificaram as transformações do espaço geográfico, as relações de poder advindas dos grupos dominantes responsáveis por estas mutações no espaço, logo, compreenderam algumas das categorias geográficas nas produções das HQ’s.

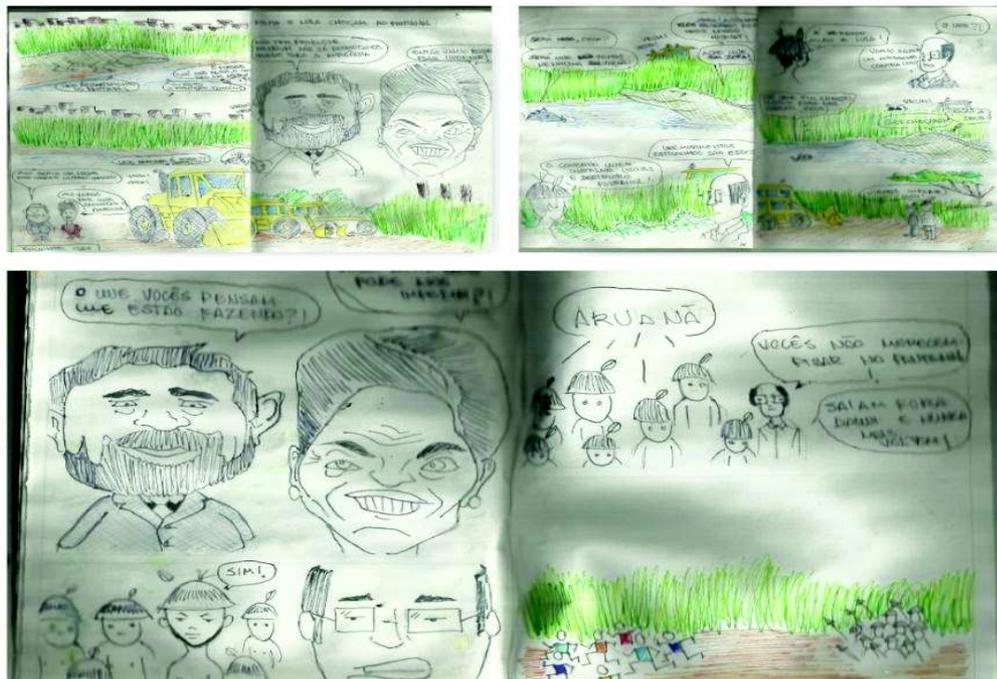
Como também, alguns dos personagens criados na produção, fazem parte da fauna do referido Bioma, ressaltando nos diálogos a consciência cidadã, em que os sujeitos sociais organizados protegem e preservam o lugar de vivência. Portanto, a partir do conhecimento sistematizado do tema proposto, os sujeitos obtiveram uma compreensão crítica das problemáticas do espaço geográfico nas produções, por meio do desenvolvimento do capital que transforma em função das necessidades advindas deste sistema. Além do que, passaram a compreender o Bioma nas mais diversas vertentes, identificando a importância de conhecer o lugar, para assim preservar. Como sintetiza Cavalcanti (2010, p.93) “Se transforma o lugar à medida que é conhecido e dotado de valor.”

Deste modo, os sujeitos sociais identificaram como as classes menos favorecidas é manipulada pelo capital, que se insere nos Biomas, com a justificativa do “progresso” que, na verdade, acarreta conseqüências desastrosas, das quais a degradação do meio ambiente e dos sujeitos sociais, além das desigualdades, que fazem parte deste processo perverso desenvolvido pelo capital, conforme é sintetizado por Santos (1988,p.7), “a Concentração e centralização da economia e do poder político, cultura de massa, {...} tudo isso forma a base de um acirramento das desigualdades entre países e entre classes sociais, assim como da opressão e desintegração do indivíduo.”

Assim sendo, a PRT1-2015 produzidas pelos discentes, desenvolveu a capacidade de ler o espaço geográfico e a complexidade de fenômenos, as relações de poder envolvidas neste processo, de tal modo que construíram a linguagem geográfica, através do recurso didático das HQ’s. Como afirma Vergueiro et al. (2004) “características ditas pessoais ou naturais são produtos do sistema de produção capitalista” logo, as mutações espaciais desenvolvidas são reflexos deste processo. Ressaltando, que alguns dos personagens caricaturados pelos discentes, refletem o momento de instabilidade política, social, econômica, vivenciado pelo País neste período. Portanto, o recurso dos quadrinhos é uma importante ferramenta na formação do senso crítico, de tal modo, que outras áreas do conhecimento, podem usufruir deste recurso em suas práticas pedagógicas, para contribuir a sistematização do conhecimento,

através da correlação de áreas afins. A Figura 9 demonstra alguns trechos da produção da PRT1-2015 desenvolvidas pelos discentes.

**Figura 9:** Produção da HQ's PRTI-2015

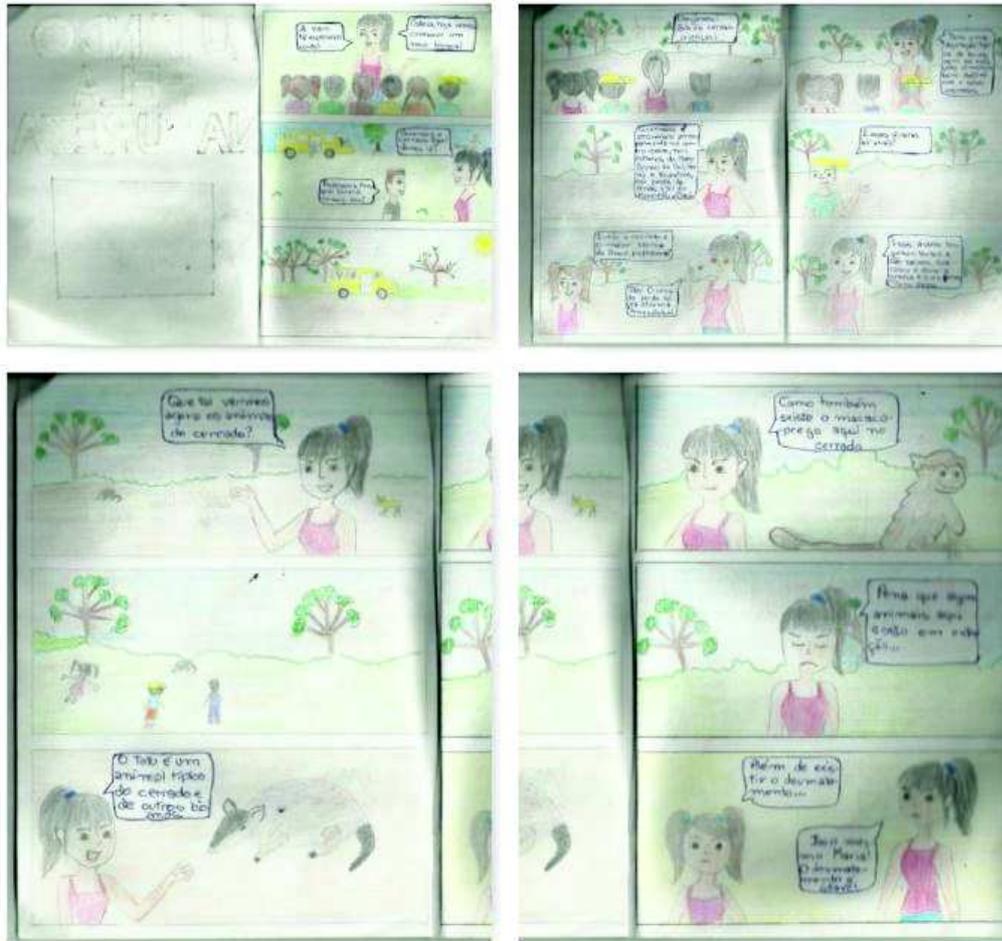


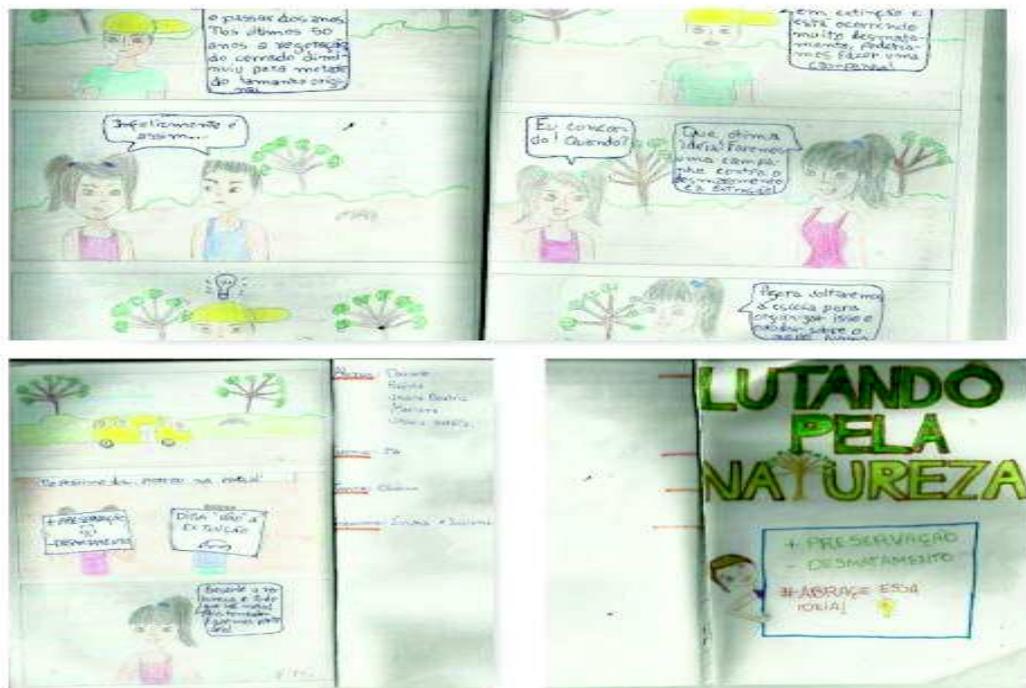
Fonte: Pesquisa de Campo na E.E.E.M Severino Cabral 2015

Nesta perspectiva, na PRT2-2015 os discentes demonstraram na produção a diversidade de riquezas naturais, o tipo de solo, clima, localização, ou seja, uma análise geral das características do Cerrado. Descrito no trecho da PRT2-2015 “O cerrado é encontrado principalmente no centro-oeste, nos Estados do Mato Grosso, Goiás e Tocantins, no oeste de Minas Gerais e sul do Maranhão e Piauí.”

Além disso, analisaram como o desmatamento crescente deste Bioma, vem modificando e degradando a paisagem do mesmo, acarretando extinção de espécies, escassez de recursos. Ressaltando, algumas das consequências para a sociedade, deste processo. Tendo em vista que, comunidades e cidades importantes do País estão inseridas no Bioma citado, e sentem e vivenciam o reflexo da falta e escassez dos recursos. Por isso os quadrinhos possibilitam uma análise mais sistematizada do espaço geográfico, nas mais diversas vertentes como descreve Vergeiro et al. (2004) As HQ's permitem analisar a paisagem, o espaço geográfico, descritos nos elementos físicos, e humanos. A figura 10 ratifica trechos da produção PRT2-105, a partir das práticas interdisciplinares.

Figura 10: Trechos da produção PRT2-2015.



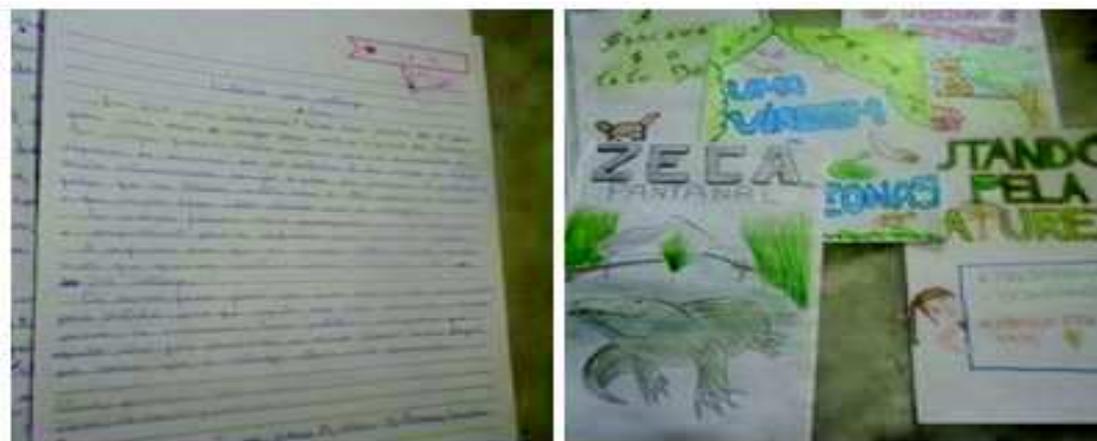


Fonte: Pesquisa de Campo na Escola Severino Cabral 2015.

Além do que, desenvolveram nas produções o processo de modificação do espaço geográfico e da paisagem em função da lógica do capital, inclusive, fazendo críticas ao sistema econômico e político vigente. assim como, sugestões de crescimento econômico sustentável, para que as futuras gerações possam usufruir da rica biodiversidade dos Biomas brasileiro. Portanto, o projeto interdisciplinar desenvolveu a sistematização acerca da temática abordada tanto nos debates em sala de aula com nas produções das HQ's. Como Afirma Vergueiro et al. (2004, p.95), “Dessa forma, demonstra-se que os alunos foram da aparência à essência: o desvendar da paisagem trouxe vida e movimento ao que antes parecia estático, sem explicação, sem história.”

A Figura 11 representa os resultados do projeto interdisciplinar, através dos referidos roteiros a das produções HQ's.

**Figura 11:** Resultado das produções dos roteiros e das HQ's



Fonte: Pesquisa de Campo na Escola Severino Cabral 2015.

Os resultados demonstraram uma evolução das produções desenvolvidas em 2015, em relação às do ano anterior, tendo em vista se tratar de uma turma em processo de amadurecimento no nível Médio. Portanto, os seis grupos conseguiram analisar nas produções os impactos ambientais, sociais e culturais dos referidos Biomas. Ressaltando como as atividades econômicas interferem neste processo, demonstrando nas produções tais atividades e os impactos socioambientais, no espaço geográfico.

Assim sendo, os alunos tiveram a possibilidade de pensar e agir no espaço geográfico, identificando-o como o reflexo dos diversos grupos, que se estabelecem no poder, em busca do lucro, sem que, os menos favorecidos tenham a possibilidade de identificar estas manipulações, por isso, a relevância de desenvolver a linguagem geográfica. Além disso, adentrar em outras áreas do conhecimento possibilitou melhor sistematizar os temas abordados, retirando do processo de ensino aprendizagem a fragmentação que pouco contribui, diante da nova configuração do mundo contemporâneo, que estar conectado em redes. Logo, esse modelo tradicional de disciplinas, ensinadas à parte, não contribui para o desenvolvimento cognitivo, muito menos, instigam os discentes a buscar o conhecimento no ambiente escolar.

Nesta perspectiva, as práticas interdisciplinares vêm contribuindo consideravelmente no processo de ensino e aprendizagem, alguns autores como Teixeira e Frederico (2009) também vêm no trabalho interdisciplinar uma oportunidade para sistematizar os conteúdos através da linguagem geográfica, rompendo com a fragmentação do saber, que em nada contribui para a aprendizagem dos discentes, e menos ainda na formação cidadã. Suertagaray afirma (2003, p.51)“ Que a interdisciplinaridade constitui uma prática coletiva, surge da

organização em grupo, hoje em rede, e tem como objetivo a busca da compreensão/explicação de um problema formulado pelo conjunto dos investigadores.”

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas primeiras etapas do desenvolvimento do Projeto de intervenção verificou-se a existência de muitas lacunas no que se refere ao conhecimento geográfico dos alunos, como também referentes ao interesse pela disciplina, considerada pouco atrativa. Diante desta problemática, muitas possibilidades foram sendo planejadas visando dinamizar as aulas, numa perspectiva de instigar uma aprendizagem significativa, rompendo com as práticas mnemônicas, com a fragmentação e o desinteresse dos alunos quanto à Geografia escolar.

Nesta perspectiva, como a implementação das práticas interdisciplinares na Geografia escolar, constatou-se que a partir desta práxis os discentes melhoraram o processo de ensino e aprendizagem da disciplina, desenvolveram o processo cognitivo, haja vista, que o senso crítico foi estimulado por meio do tema proposto. Portanto, a sistematização do conhecimento através da interdisciplinaridade permitiu uma análise ampla e contundente acerca do tema proposto, refutando a fragmentação que nada contribuem no processo de ensino e aprendizagem da Geografia escolar.

Verificou-se também que os discentes desenvolveram a linguagem geográfica a partir da compreensão do seu objeto de estudo - o espaço geográfico, tendo em vista que, nas produções, conseguiram identificar as categorias geográficas, as transformações e as consequências deste processo nos Biomas brasileiros. Além disso, como a ação antrópica interfere e modifica o espaço geográfico em função das necessidades do capital, intermediadas pelos grupos econômicos, que manipulam as massas a não identificaram as problemáticas geradas pelo sistema desigual desenvolvido pelos mesmos. Portanto, os discentes desenvolveram o senso crítico do tema proposto, das problemáticas advindas, que acarretam desigualdades sociais, má conservação e preservação dos recursos naturais e, por consequência, ampliaram a consciência cidadã e do papel que deve exercer na sociedade, a partir das práticas interdisciplinares.

Portanto, analisaram a paisagem não mais como um conceito estanque, e sim em constante transformação, ressaltando o ser humano como peça fundamental nesta dinâmica, uma vez que ele modifica em tempos históricos diversos, em função da necessidade de cada sociedade. Logo, a paisagem se configurou nas produções como um mosaico de formas, funções e sentidos de acordo com a conveniência do capital. Além disso, passaram a analisar

a Caatinga não mais com o estereótipo, identificado anteriormente, passando a valorizar a paisagem e a riqueza naturais, sociais e culturais deste Bioma bastante presente no cotidiano dos mesmos.

Contudo, deve-se destacar também que no decorrer do projeto de intervenção os discentes foram desenvolvendo maior interesse pela disciplina e, por conseqüência, uma maior interação com o projeto desenvolvido. Dessa forma, as expectativas foram alcançadas, pois no decorrer do andamento do Projeto interdisciplinar nos anos letivos 2014 e 2015, alunos, supervisor e bolsistas ampliaram as escalas do conhecimento geográfico.

Em síntese, o Projeto interdisciplinar, por meio do recurso das Histórias em Quadrinhos, permitiu aos discentes uma análise da Geografia escolar em várias vertentes, pois possibilitou a ampla compreensão do tema proposto, da linguagem geográfica e do raciocínio espacial, além disso, a interpretação, a leitura, a compreensão do gênero textual, numa cooperação entre áreas do conhecimento afins. Portanto, o desenvolvimento da prática interdisciplinar possibilitou aos discentes envolvidos ampliar a capacidade cognitiva por meio da linguagem geográfica, desenvolvendo no ambiente escolar a consciência cidadã, papel fundamental para a formação de uma sociedade consciente de seus deveres e direitos.

## 6. REFERÊNCIAS.

AB'SABER, N. Aziz. **Os Domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagística.** São Paulo: Ateliê,2003.

ALBUQUERQUE,M.A.Moura. Dois momentos na História da Geografia escolar: a Geografia Clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Revista brasileira em Educação em Geografia.** Rio de Janeiro, RJ,v.1,n.2,p.19-21,jul/dez,2011.

ALEXANDE,Marcos.O papel da mídia na difusão das representações sociais.**Comum,** Rio de Janeiro,v.6,n.17,p.11-125, jul/dez. 2001.

ANDRADE,C.Manoel. **Geografia ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico.** Recife: UFPE, 2008.

ANTUNES, Celso (Org.). Geografia e didática. Petrópolis, RJ: Vozes,2010.

BARÉA,S.M.M.Neiva. **Redes de produção e dinâmica na organização das espacialidades.**( Mestrado em Geografia).Centro de Ciências Naturais e Exatas da Universidade Federal de Santa Maria,2008.

BRABANT, M. J. Crise da Geografia, crise da escola. In: OLIVEIRA,U.A (Org.).**Para onde vai o ensino de Geografia.** 5ª. ed. São Paulo:Contexto, 1994. p. 15-23.

BRASIL,Ministério da Educação.**Diretrizes Curriculares Gerais da Educação Básica.** Brasília, DF,2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio** Brasília, DF, 1998.

BERTHAND,Georges.Paisagem e Geografia Física Global: esboço metodológico. **R,RA'EGA,** Curitiba.n.8,p. 141-152,2004.

CÂNDIDO,S.Sueli. **O uso de Histórias em quadrinhos (HQ's) como ferramenta para o ensino reflexivo de Língua portuguesa no ensino fundamental II.** Encontro interdisciplinar de língua e literatura.Itabaina-SE,2012. Disponível em:  
<file:///C:/Users/mago/Documents/Artigo%20Hq's.pdf> .Acesso em 03 de agosto 2016.

CAVALCANTI, S. L. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. 16. ed. Campinas, SP, Papirus, 1998.

COMPIANI, Maurício. Ensaio interdisciplinares no ensino fundamental com Geologia/Geociências. In: PONTUSCHKA, N. Nídia; OLIVEIRA, U. Ariosvaldo (Org.). **Geografia em perspectiva**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 175-194.

CORRÊA, L. Roberto. Espaço, um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, E. Iná. (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000. p. 16-73.

COSTA, M. Rafael. As **Histórias em quadrinhos como construção da leitura geográfica**. Encontro nacional de prática de ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/mago/Documents/Artigo%20HQ's%20no%20ENsino%20de%20Geo.pdf>. Acesso em 18 de set. 2016.

DEFFUNE, Gláucia. **Relato de uma experiência de Histórias em Quadrinhos no Ensino de Geografia**. Maringá-PR, 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/viewFile/8628/6105>. Acesso em 20 de Mar 2015.

FAZENDA, A. C. Ivani (Org.). Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade visões culturais e epistemológica. In: \_\_\_\_\_. **O que é Interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 17-27.

FANTIN, E. Maria. et al. **Metodologia do ensino de Geografia**. Curitiba: Ibpx, 2005.

FILIZOLA, Roberto. **Didáticas da Geografia: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base, 2009.

GODOY, T. R. Paulo (Org.). Algumas considerações para uma revisão crítica da História do pensamento geográfico. In: \_\_\_\_\_. **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.

GIBBIN, Béatrice. A Geografia, Disciplina Subjugada. In: VESENTINI, W. J. (Org.). **Geografia Escolar: textos críticos**. Campinas-SP: Papirus, 1989. p. 135-160.

JAPIASSU, F. Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 4. ed. Rio de Janeiro, 1986.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões proposta**. São Paulo: Contexto, 2008.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: Isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. 5.ed.São Paulo,1988.

LINS,N.Juarez. Diálogos interdisciplinares nas aulas de Língua portuguesa: articulando Lieratura,Geografia e História.In:\_\_\_\_\_. **Diálogos interdisciplinares: Linguística, Literatura e Ensino**. Recife: 2014.p.87-100.

MORAES,R. C. Antonio. **Geografia: Pequena História Crítica**. 21.ed. São Paulo: Annablume,2007.

OLIVEIRA,P.H.Elisa. Ensino de **Histórias em quadrinhos no 6º Ano do Ensino Fundamental**. (Graduação em Letras). Faculdades de Ciências da Educação e Saúde- Centro Universitário de Brasília.2013.

PESSOA,B.Rodrigues. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual**. (Mestrado Geografia). Centro de Ciências exatas e da natureza da Universidade Federal da Paraíba,2007.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, I.T; CACETE, H. N. A Interdisciplinaridade e o ensino de Geografia. In\_\_\_\_\_, **Para ensinar e aprender Geografia**. 3.ed.São Paulo:Cortez,2009.

ROCHA,R.O.Genylton. Uma breve história da formação do (a) professor (a) de Geografia no Brasil.**Terra livre**, São Paulo,n.15,p.125-144,junho.2000.

SANTOS, Milton. Paisagem e espaço. In:\_\_\_\_\_. **Metamorfose do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológico da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.p.61-74.

SANTOS,Milton.**A Natureza do espaço:técnica e tempo, razão e emoção**.4.ed.São Paulo:USP,2006.

SERPA,Angelo. Milton Santos é a paisagem: parâmetros para a construção de uma crítica para a paisagem contemporânea. **Paisagem ambiente:ensaios**.São Paulo.n.27,p.131-138, 2010.

SUERTEGARAY, A.M. Dirce. Geografia e interdisciplinaridade. Espaço Geográfico: interface natureza e sociedade. **Geosul**, Florianópolis, SC, v.18, n.35, p.45-53. jan/jun 2003.

SUERTEGARAY, A. M. Dirce. Notas sobre a epistemologia da Geografia. **Cadernos geográficos- Universidade Federal de Santa Catarina**. Florianópolis, SC, n.12, p.7-63, maio.1999.

TEIXEIRA, L.A.; FREDERICO, C.L. **Práticas Interdisciplinares na Geografia**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: [www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20\(46\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20(46).pdf). Acesso em 13 de out. 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Como usar as Histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

## APÊNDICE- QUESTIONÁRIOS APLICADO JUNTO AS TURMAS PARTICIPANTES

- 1- Qual a sua opinião a respeito da disciplina de Geografia e a considera importante para sua formação cidadã?
- 2- De que maneira a Geografia está presente no seu cotidiano? Explique.
- 3- No que se refere ao Ensino de Geografia você relaciona os conteúdos ao seu cotidiano? Explique.
- 4- Relate um pouco de sua experiência ao estudar Geografia no Nível Fundamental, no que se refere à metodologia e recursos didáticos utilizados pelos professores, sobre os processos de avaliação escolar, etc.
- 5- Você sente alguma dificuldade em estudar Geografia? Explique.
- 6- Apresente algumas sugestões para dinamizar as aulas de Geografia.